DA UNIVERSITY LIBRARY
This book is donated by ....

OS GRANDES ARMAZENS
DO CHIADO

Vendem por atacado / Mandam amostras / Remetem, contra reembols encomendas para tôdas as colónias, cujos correios tenham serviço de cobranç

TODO O COLONIAL PORTUGUÊS BOM PATRIOTA
DEVE PREFERIR PARA AS SUAS COMPRAS O

Grandes Armazens do Chiado

E OS PRODUCTOS DAS SUAS **23** FÁBRICAS

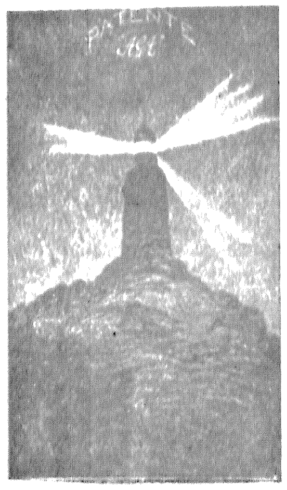
Informações sôbre tudo o necessário à existência. Dirigir toda a correspondência aos
Grandes Armazens do Chiado-Lisboa

SOCIEDADE COMERCIAL
A. FREITAS & GAMEIRO, LDA.

E N G E N H A R I A

ARMAMENTO E MUNIÇÕES
MATERIAL AERONÁUTICO

Instrumentos científicos
Canhões
Metralhadoras
Morteiros
Espingardas
Pistolas
Carros blindados
Material de transporte



Faróis
Farolins
Bóias e Tôrres para sinalização Terrestre Marítima e Aérea
Navios
Máquinas e Motores

MÁSCARAS DE PROTECÇÃO
CONTRA FUMOS, GAZ E
OUTROS PRODUTOS TÓXICOS

SEDE SOCIAL - RUA DO ARSENAL, 148 - 2.º
TELEF. 26245 - LISBOA - TELEG. TORPEDO

COMPANHIA DO
ASSUCAR DE ANGOLA

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 32-1.º

Assucar / Algodão

Oleaginosas

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: «LUACHO» LISBOA

TELEFONE 26278

Deixe-se de drogas... **VEROX**

Carne líquida, toma-se por gôsto e fortifica.

Compre um frasco ainda hoje em qualquer mercearia.

Representantes exclusivos

Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho

13, Rua Garrett, 23-LISBOA

1934
DA
NALLY

...é a última criação de perfumaria requintadamente moderna.

...é a essência subtilmente perturbante que torna irresistível o poder fascinador da mulher.

Preço 50$00

BANCO DE ANGOLA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITAD

EMISSOR DA COLÓNIA DE ANGOL

CÓDIGOS:
PETERSON'S (2.ª ED.)
GUEDES
A. B. C. (5.TH EDITION)

SÉDE EM LISBOA
RUA DA PRATA, 10 A 22

ENDERÊÇO TELEGRÁFIC
ALDAR
DEPENDENCIA
FILIAL EM LUAND

AGÊNCIAS: Benguela, Boma (Congo Belga), Cabinda, Leopoldville (Congo Belg
Lobito, Malange, Mossâmedes, Nova Lisboa, Novo Redondo, Sá da Bandeira, San
António do Zaire, Vila Luso, Vila Silva Pôrto.

CAMINHO DE FERR

Ligações da Katanga com a Europa. A mais curta estrada para a África Centr

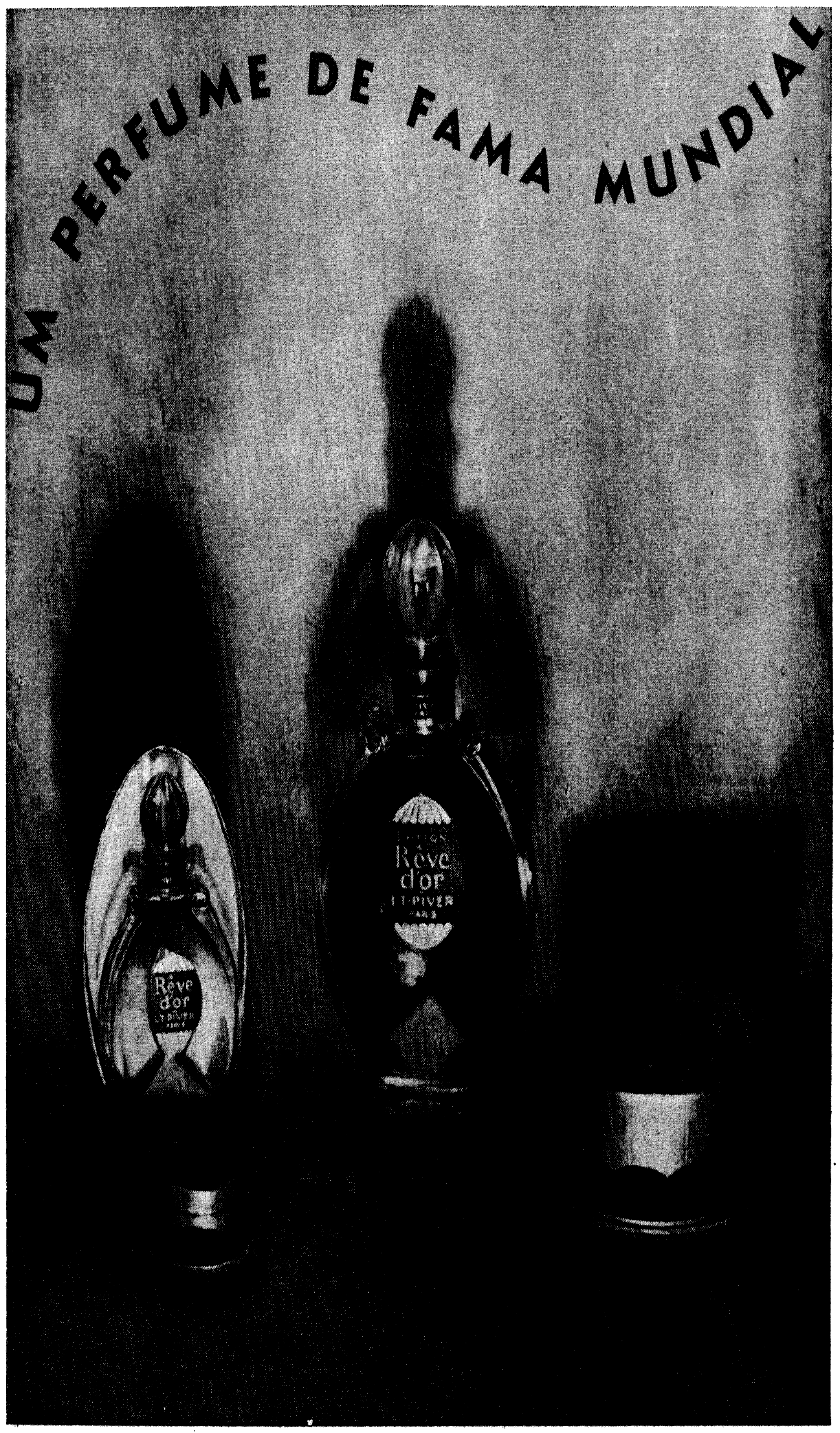
Distância via Lobito comparada com via Beira: Distância a favor da via Lobito: 578 milhas por terra e 2.955 por mar. Total 3.553 milhas.

Distância via Lobito comparada com via Cape Town: Distância a favor da via Lobito: 1.269 milhas por terra e 1.450 por mar. Total 2.719 milhas.

SÉDE EM LISBOA: LARGO DO QUINTELA,

DE BENGUELA / LOBIT

RÊVE D'OR



L. T. PIVER

CASA
QUINTÃO

DEPOSITÁRIA DA FÁBRICA DE

FAIANÇAS E MOBÍLIAS PORTUGUESAS

RUA IVENS, 32
LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

Seguros contra Incêndios, Desastres de trabalho, Responsabilidade Civil

FUNDADA EM 1901

Seguros Marítimos, de Cristais contra quebra, postais, etc.

CAPITAL E RESERVAS:
ESC. 4.200:000$00

EDIFÍCIO PRÓPRIO

TELEFONE 2 3348

REVISTA DE CULTURA E PROPAGANDA
ARTE E LITERATURA COLONIAIS

O MUNDO PORTUGUÊS

DIRECTOR: AUGUSTO CUNHA

EDIÇÃO DA AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS E DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

SUMÁRIO

Lafaic	Garcês de Lencastre
O Negro	Osório de Oliveira
Variações sôbre a «Morna»	Carlos Parreira
A primeira mulher portuguesa na Índia	Amâncio Gracias
Portugal ignorado	António Lopes
Semana das Colónias:	
Algumas palavras	Mário Marques
Campanha de «Além Cunene»	Ferreira do Amaral
Iconografia dos Portugueses no Oriente	

Número 4 — Abril de 1934 — Volume I

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
RUA DA PRATA, 34 // LISBOA // TELEFONES 20651 - 20652

//

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
(In... o)

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adj	17$00	32$00
Colónias Portuguesas	23$00	45$00
Estrangeiro, Índia, Ma	50$00	100$00

TIRAGEM ESPECIAL
em papel Manchester Ledger e couché Chelsea
Numerada de 1 a 40 e rubricada pelo Director.

	6 meses	12 meses
Continente e Ilhas adjacentes	55$00	100$00
Colónias Portuguesas de África	65$00	120$00
Estrangeiro, Índia, Macau e Timor	100$00	200$00

Custo de cada exemplar 10$00

Comp. e impr. - Sociedade Industrial de Tipografia Limitada - Rua Almirante Pessanha, 5 - ao Carmo
L I S B O A

DA TERRA,
DOS HOMENS
E DOS BICHOS

LAFAIC

O CROCODILO TIMORENSE

//

CAPITÃO Nemo, o comandante do fantástico submarino «Nautilus», no seu percurso «Vinte Mil Léguas Submarinas» passa à vista da ilha de Timor e pela fértil imaginação de Júlio Verne diz-nos:

«A Ilha é governada por Rajáhs (régulos). Êstes príncipes dizem-se filhos dos crocodilos, isto é, a mais alta linhagem que um ser humano pode ambicionar. Os escamosos antepassados abundam nas ribeiras da ilha e são objecto de veneração especial. Protegem-nos, adulam-nos, sustentam-nos e oferecem-lhes jovens donzelas. Desgraçado do estrangeiro que levantar a mão para êles!»

Exageros de romancista, restos de lenda, que fizeram as delícias de tanta mocidade, marcando uma decisiva influência nos espíritos juvenis.

À minha parte afirmo, que foram os romances de Júlio Verne e o espírito da aventura, que me levaram bem cêdo para a vida colonial.

As coisas coloniais, a terra, os homens e os bichos, são contadas sem exageros, nas suas justas proporções, pelos que as viram e sentiram, havendo que perdoar sòmente a imperfeição da prosa, pois quem pelo ultramar viveu largos anos, quási sempre maneja melhor a carabina do que a pena.

«Lafaic» o crocodilo é a única fera da reduzida fauna timorense, visto que o búfalo é mais um animal doméstico que se tornou bravio do que pròpriamente uma fera.

Há, na verdade, entre os indígenas, a crença de que o crocodilo «Lafaic» é o avô — dêle devem descender não sòmente os régulos mas todos os Timorenses. Quanto aos brancos, êsses, são filhos de cobra!

Os crocodilos são respeitados mas não são adorados; em tempos que não vão longe, eram êles uma espécie de supremo tribunal, para onde os litigantes

apelavam, resolvendo justiças em que os chefes ou autoridades não tinham satisfeito nenhuma das partes.

Os litigantes entravam na água até ao peito, expondo em gritaria o seu milando ao «Lafaic». O crocodilo é covarde e a maior parte das vezes não aparecia, indicando assim que não haviam culpas, ou que a justiça estava bem feita; outras vezes, porém, ou porque estava esfaimado ou era mais atrevido, o bicho, deitava a sua acerada fateixa a um dos queixosos, o qual, para o resto da malta, ficava sendo o culpado.

Em Timor, como em quási tôdas as ilhas da Malásia e da Australásia, há duas espécies de crocodilos.

O grande crocodilo da água salgada e o pequeno crocodilo de água dôce.

O primeiro vive principalmente nos estuários das ribeiras junto à praia (no que em Timor se chamam coilões), na água salgada e nos leitos das ribeiras, passando duma para outra, pelo mar, principalmente na ocasião das grandes enxurradas.

O segundo vive sòmente na água dôce, no interior da ilha, por vezes em altitudes (Lagôa de Poros 700 m. alt.). É curioso notar que em Timor se encontram também em grandes altitudes (2.000 m.) o camarão e a enguia.

O crocodilo de água dôce alimenta-se exclusivamente de peixe e não é perigoso para o homem e outros animais.

O primeiro, o mais vulgar em Timor, é corpulento, extraordinàriamente perigoso pela sua cobarde forma de ataque, feroz e de notável voracidade.

O maior crocodilo que medi tinha sete metros e meio, devia ser *catuas* (velho).

Tem uma côr verde bronzeada, corpo coberto com chapas escamosas, espessas, justapostas, de uma enorme dureza, resistindo à bala penetrante de arma estriada, sendo os pontos a alvejar os pequenos olhos, bôca quando aberta e as axilas.

Aspecto repugnante, cabeça alongada e monstruosa, goela fendida além das orelhas, com vinte e dois dentes ou presas aceradas que trituram sem mastigar, a maxila inferior é móvel, a superior faz corpo com o crâneo. A água é o seu elemento predilecto e favorável; os membros trazeiros e a respectiva cauda permitem-lhe rápidos movimentos na água, os membros dianteiros impróprios para a deslocação em terra, servem-lhe para abraçar a presa quando não utiliza a bôca. Fora da água não é ágil e move-se como peça inteiriça, resultado da ligação das vértebras às costelas.

Tem um grito estridente semelhante ao do porco, quando novo êsse grito assemelha-se ao vagido duma criança.

A fêmea é ovípara, põe duas a três vezes no ano, vinte a trinta ovos do

tamanho dos de perua, que enterra na areia a pouca profundidade, para que o calor tórrido do sol tropical os faça germinar ao fim de duas semanas.

A fêmea defende corajosamente os pequenos crocodilos, que os machos procuram devorar àvidamente e ainda bem que assim sucede porque o desvaste é grande, sendo por vezes devoradas ninhadas inteiras, evitando-se assim que milhares dêstes reptis se desenvolvam.

Junto às margens das ribeiras, às horas do calor, os crocodilos às dezenas dormem ao sol, assemelhando velhos troncos de palmeiras, que as cheias arrastam para a praia; por vezes abrem a repelente guela e esperam que moscas e outros insectos, atraídos pelo repugnante cheiro, lhes pousem na língua, para as engulir às legiões, como refeição de magro jejum.

É a ocasião azada para os fazer engulir a indigesta refeição de uma bala Winchester ou Krapotchek.

É vê-los então em contracções violentas, roncos estridentes, atirando em chicotadas violentas água e areia, derrubando o capim e arbustos, e se certeiras balas nos olhos ou nas axilas os não imobilizam de vez, refugiam-se na água, mergulham, para daí a momentos aparecerem agonizantes ou já mortos, de barriga branca para o ar, flutuando, espalhando em volta grandes manchas de sangue escuro e vil.

Habitualmente não se afastam muito da água, mas já matei um crocodilo a 600 metros da praia.

Numa tarde, quente e abafada, como só as há no princípio da época das chuvas, naqueles curtos momentos de crepúsculo que precedem o rápido cerrar da noite, uma enorme gritaria chegou até à casa do comandante que, situada num pequeno môrro, dominava a população comercial de Lautem, comando militar no extremo leste de Timor, junto à praia da costa Norte.

«Lafaic»! «Lafaic»! — eram os gritos que ouvi e me fizeram pegar na carabina Winchester e descer até à povoação que ficava a uns 100 metros da casa do comandante, que foi minha residência durante cinco anos.

Pela gritaria dos homens, chôro das mulheres e das crianças e pelo latir dos cães, mais parecia que a povoação, já nessa época com as suas dezenove casas comerciais, largas ruas arborizadas e bem alinhadas, fôra atacada por um bando de crocodilos.

Depois de muitas correrias, gritos e explicações em Teto, em Dagadá e Makassai e até em China, consegui localizar o inimigo.

O caso resumia-se no seguinte: Um matróz (criado indígena dum comerciante china) ao atravessar o quintal surpreendera um pequeno crocodilo de metro e meio, que o latir dos cães atraíra até à povoação.

Duas sopradelas às pernas do matróz que quási ia pisando o bicho, eis

aquele alarmado, fugindo a gritar «Lafaic»! «Lafaic»! — mulheres e crianças repetiram o grito e daí a momentos a povoação em pêso gritava: «Lafaic»! «Lafaic»!

Assim é o pânico, desde as praias de Timor até às ruas da baixa.

A eloqüente voz da carabina falou por dois tiros nos olhos do atrevido caçador de cães. O socêgo voltou à povoação e na conversa da noite entre o fumo dos cachimbos e a masca do bétél e areca, o episódio tomou fóros de aventura, com prestígio para o comandante «catuas assarám bòte» (o velho comandante das barbas grandes) como eu era conhecido, nesses bons tempos em que na verdade era comandante, *mandava,* tinha grandes barbas, mas não era tão catuas como sou hoje.

A palavra catuas é empregada pelos timorenses não só para significar velho, como para indicar pessoa de respeito — lá está o «conselho dos catuais» de que nos fala Camões nos *Lusíadas* a dizer-nos a origem da palavra.

No mato, porque nas nossas Colónias felizmente ainda há mato, homens e bichos, a autoridade administrativa tem que saber pegar numa carabina e não seria demais, que nas provas de destreza física dos concursos para Chefe de Posto, ao lado das corridas e saltos, figurasse a prova de meter algumas balas na mouche de um alvo.

Nos meus anos de Timor quási sempre no mato, fiz algumas observações interessantes, uma delas é a que vou citar e que indica o prestígio da carabina e a... densidade de população da Ilha.

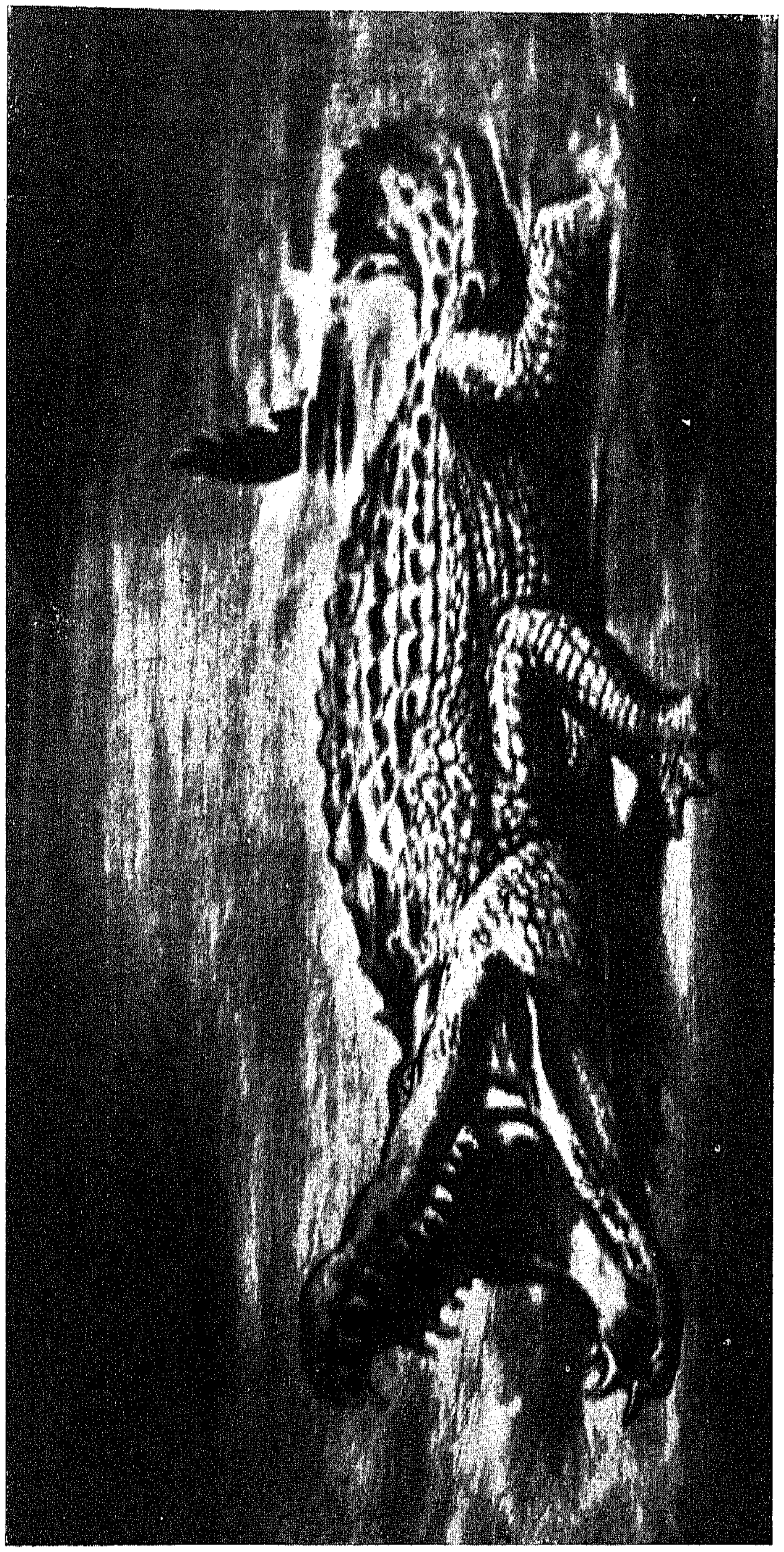
Se em qualquer ponto do interior chamarmos alto, gritarmos, pedirmos socorro, não nos aparece um único Timor, mas se dispararmos a espingarda, ainda que sejam tiros para o ar, daí a pouco aparece um indígena que nos saúda, olha com admiração e respeito a carabina e exclama — Kilát diàc (boa espingarda)! Au bá aumoto ó (eu vou com o senhor) e se lhe entregarmos a espingarda nunca mais nos larga.

Os indígenas dizem que os velhos crocodilos são os donos das ribeiras e cada uma tem o seu.

Um nai-lulic dagadá (espécie de sacerdote, médico e feiticeiro) que habitava junto à ribeira de Malaidade, dizia-me na ocasião do estilo (cerimónia religiosa) pela morte dum chefe que fôra comido por um crocodilo em circunstâncias bem trágicas, a que eu assisti.

«Nunca gente da terra era outrora apanhada por crocodilos, nesta ribeira, contava-me o nai-lulic.

«Um velho e grande crocodilo todos os dias vinha dormir a sésta para aquela pedra, que o sr. comandante além vê, ali lhe punhamos a comida em grande quantidade.



Lafaic! Lafaic!

Cabeça alongada e monstruosa, goela fendida além das orelhas

«Era o guarda da ribeira, mantinha a ordem nos crocodilos mais novos, não deixando aparecer mais nenhum por aqui e assim a gente da terra não era apanhada por êles, podiamos atravessar a ribeira, depois de apanharmos três pedras e dizermos que íamos em serviço.

«Antes do sr. comandante vir para cá, há já alguns anos, um sargento matou êsse grande crocodilo dono da ribeira; agora já não há ordem nem há disciplina, cada um faz o que quere.»

É assim entre os homens e entre os crocodilos!

Recordo as condições trágicas da morte dêsse chefe a que o nai-lulic se referia.

No regresso duma visita ao interior do comando os chefes acompanharam-me, em grande escolta a cavalo, até à balisa da sua jurisdição, na margem duma larga ribeira, aonde outros me esperavam como era de uso.

Era na época das chuvas. A ribeira levava muita água, barrenta, lodosa e quente, arrastando pedras, tufos de verdura com capim e terra, velhos troncos de árvores derrubadas entalados nas pedras formavam represas e açudes. Os cavalos atravessaram fácil a ribeira, descansámos junto à margem à sombra duma árvore para trocar de cavalo e fazer aos chefes que retiravam, umas últimas recomendações, sôbre os viveiros de café e de côcos, sôbre uma estrada a continuar ou a reparar, mais um cigarro fumado e despedia-me dos velhos companheiros de trabalho que numa bem orientada política de associação havida entre autoridades administrativas e autoridades indígenas, criavam o aldeão indígena — «le paysan indigéne» — que já vi aparecer em algures como novidade de colonização em *bases científicas*.

Preparava-me para montar a cavalo — ouvi uma voz lancinante, revelando já uma agonia atroz, gritar — Comandante! Socorro! Voltei-me e, a cêrca de 100 metros, vi um enorme crocodilo entrar na água, segurando entre os acerados dentes um dos melhores e mais liais chefes da região, vi ainda o seu facies de horrível desespêro, os seus olhos de terror que jámais esquecerei.

Disparei dois tiros, duas balas perdidas, porque como o terrível saurio se apresentava de dôrso, elas resvalaram-lhe na carcassa. O monstro, rápido mergulhou, deixando atraz de si, na água, uma enorme mancha de sangue.

Tudo isto foi súbito como o pensamento, gravando-se para não mais se apagar, uma impressão de trágica surpreza, de dôr e de revolta contra a cobarde féra.

Dias depois, uns chinas que regressavam do interior com uma carga de cópra, contavam aterrados, que viram na margem da ribeira dois enormes crocodilos disputando um cadáver, já apodrecido. Era o do chefe João, um bom chefe, um lial amigo.

Eis o que se passara: o chefe deitou a tarrafa (rêde de pesca) num remanso das águas, num cotovelo da ribeira; passado tempo, aproximou-se para levantar a rêde, curvou-se e, nesse momento, um crocodilo escondido pela água lodosa e capim atira-lhe uma chicotada violenta com a cauda, derruba-o, agarra-o com os acerados dentes e mergulha.

É sempre esta a forma do ataque cobarde do asqueroso reptil; a vítima predilecta são os pescadores e os indígenas que vão buscar água, em regra raparigas ou crianças; daí a lenda de que lhe eram oferecidas donzelas.

Freqüentes vezes no estomago dos crocodilos são encontradas pulseiras e outras joias das suas vítimas.

Os cadáveres são escondidos nas cavernas da ribeira e só depois de «faisandé» é que são devorados.

O homem é a vítima mais freqüente do crocodilo; os outros animais têm o olfato que os previne contra o traiçoeiro bicho. O cavalo e, especialmente, o cão, pressentem o crocodilo a grande distância.

Tive um cão que latia duma forma especial, logo que sentia o cheiro do crocodilo, às vezes a grande distância. Êste cão, de grande corpolência, ao fim de ano e meio da minha ausência de Timor, como as bagagens tivessem desembarcado antes de mim, reconheceu-as, não mais as abandonou nem permitiu que lhe tocassem até eu lhe aparecer.

Outro velho amigo que recordo com saüdade.

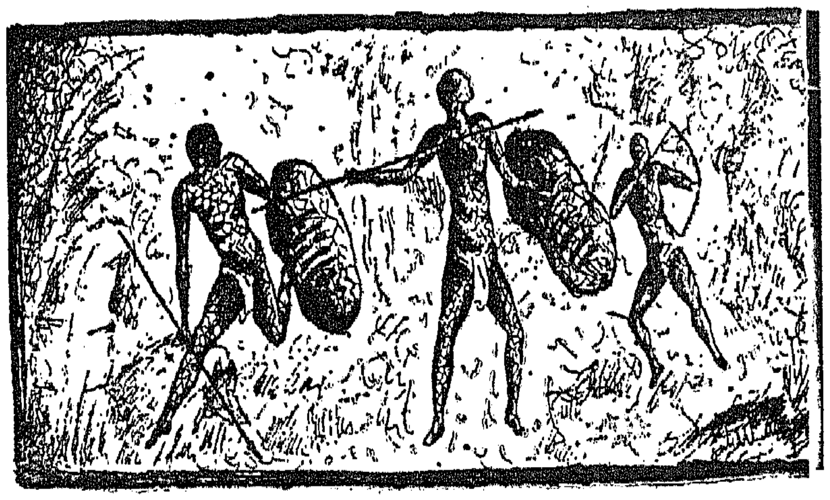
Os crocodilos causam em Timor muitas vítimas entre os indígenas; o antigo Governador Celestino determinou, para intensificar o seu extermínio, que os comandantes militares da carga do comando gastassem os cartuchos que fôssem precisos, uso que ainda hoje se mantém.

Um antigo caçador africano procurou-me, há tempo, na Agência, expondo a sua pretensão de ir para Angola caçar e exterminar crocodilos por meio de armadilhas e veneno. Sua Ex.ª o Ministro deu ao assunto a sua atenção e mandou que a proposta fôsse apresentada ao sr. Governador de Angola.

Assim acabo esta despretensiosa mas verdadeira narração, a qual tem em vista corresponder aos objectivos do «Mundo Português» inteligentemente marcados pelo sr. Ministro das Colónias, dr. Armindo Monteiro, nas suas admiráveis directrizes dadas no n.º 1 da Revista.

Se agradar, quando me fôr possível voltarei a abrir o meu saco, e que saco, louvado Deus, sôbre a terra, os homens e os bichos.

JÚLIO GARCÊS DE LENCASTRE



O NEGRO

CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA PARA O SEU ESTUDO

II

A literatura brasileira teve o seu período indianista com os românticos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar. Reflexos da «Atala», de Chateaubriand, os poemas e romances em que os brasileiros cantaram os primitivos habitantes da sua terra, não passaram de fantasias literárias. Criou-se no Brasil uma lenda poética sôbre as qualidades dos índios, que avolumou desmedidamente a importância do elemento aborígene na formação dessa nacionalidade.

O negro foi menos feliz. Os romancistas do século passado fixaram alguns aspectos da vida social do Brasil em que êle aparece, mas como elemento pitoresco. Não foi idealizado, como o índio, nem entrou, com a sua alma, como figura de primeiro plano, em nenhuma obra literária dessa época. Castro Alves, lutando pela abolição, cantou os sofrimentos do escravo em poemas de grande eloqüência. Mas nesse poeta o negro é o objecto duma reivindicação social e não um elemento primacial da

literatura brasileira. É em Gonçalves Crespo que se encontra a primeira valorização poética do sentimento e da alma do africano no Brasil. Só nos nossos dias, porém, o negro conquistou, nas letras brasileiras, o lugar a que tinha direito. Só hoje êle é estudado e cantado como merece, já que tanto contribuiu pára a *psiché* do brasileiro.

Em Portugal possuimos uma vasta bibliografia colonial. Mas das obras históricas, das narrativas de viagens, dos relatórios administrativos ou de campanhas militares, que constituem a maior parte dessa bibliografia, pouco consta sôbre a alma do negro. Tentam agora os autores de livros de ficção sôbre a nossa África, desvendar um pouco o mistério que envolve a alma do indígena. Houve sempre, entre os nossos coloniais, espíritos curiosos que atentaram nas criações poéticas dos pretos, nas suas manifestações coreográficas, nas expressões do seu culto religioso, em todos êsses gestos elementares da alma dum povo que constituem a matéria preciosa dos folclores. Mas não me consta que se tenha tentado fazer, com os naturais da Guiné, de Angola ou de Moçambique, o estudo sistemático da alma da raça negra, como se está fazendo no Brasil. Os trabalhos de Lévy-Bruhl sôbre a mentalidade e a alma primitivas, e o estudo de Frazer sôbre a magia e a religião, facilitaram a tarefa dos que no Brasil praticam essa sondagem das profundidades anímicas do negro. O interêsse pela arte africana e o renovo da moda literária do exotismo, partindo de Paris, encontraram um meio propício entre os intelectuais brasileiros. Na memória dêsses homens acordou a lembrança da «mãi preta» que os amamentou, das histórias que ela contava do tempo da escravidão, do contacto com as mucamas e da promiscüidade em que viveram com os moleques, nos engenhos de açucar ou nas fazendas. Uma literatura surgiu então, cantando o negro, estudando a sua influência na vida sexual, nos costumes familiares e na emotividade do brasileiro, descrevendo as suas cerimónias fetichistas e procurando, através destas, compreender a sua alma.

Não se pode dizer, rigorosamente, que seja de hoje a curiosidade científica dos brasileiros pela psicologia dos africanos. Um grande estudioso, o professor de medicina legal Nina Rodrigues, começou em 1890

a dedicar-se a êsses estudos, só os interrompendo com a morte, dezasseis anos depois. O que só agora aparece no Brasil é o espírito de simpatia, a quási fraternidade com o negro, que faz com que, não um simples literato, mas um homem de ciência, precisamente o continuador de Nina Rodrigues, escreva esta página, intitulada «Meu Irmão Negro»:

«A sua libertação fôra aparente. Arrebentára os pesados grilhões do tronco e fugira ao chicote malvado. O seu espirito, porém, continuava acorrentado ás cadeias de preconceitos seculares. Pesava sobre êle a maldição dos Gobineau e dos Lapouge.

«Reagiu. Refugiou-se na magia. Invocou a proteção dos seus orixás poderosos. Xangô, que domina os raios e os trovões e as tempestades. Iemanjá, o grande abraço materno e protector. Exú, o génio sinistro, senhor do mal. Obatalá, o maior de todos...

«Animaram-se os terreiros, dentro das noites fantasmaes. E não cessou o batuque infernal dos candomblés e das macumbas, o tam-tam dos atabaques e agogôs. Pipocas e azeite dendê. Despachos. Cangerê. Uai! Ogun de lê, mirerê ta biau! Xangô icó ô lelé...

«Mas a sua alma estranha e longinqua vae sendo desvendada, aos poucos. Pre-logica. Os seus misterios e as suas participações vão-se decifrando. E o bizarro dos seus cultos é utilizado como motivo de arte. A síncopa da sua musica barbara. Os ritmos novos da sua alucinante coreografia. O encanto elementar e extraordinario da sua poesia e dos seus mitos primitivos.

«A sua influencia, a sua vingança foram tão grandes, que a sua libertação equivale á *nossa libertação*. A libertação da angustia inicial. *Ur-Angst*. Do pavôr sinistro da treva para os claros horizontes da liberdade. Meu irmão Negro!»

São do psico-analista Arthur Ramos estas palavras, e não dum poeta como Jorge de Lima, cantor de «Essa negra Fulô», ou como Raul Bopp, autor dum livro de «Poemas Negros», «Urucungo». Reparação que o negro merecia dum brasileiro; reparação que estava exigindo a má-von-

tade contra êle manifestada por escritores como Graça Aranha, na «Viagem Maravilhosa»; reparação justíssima, porque o Brasil deve-lhe muito. No livro notável que, com o título «Casa grande e senzala», Gilberto Freyre acaba de consagrar ao estudo da «Formação da familia brasileira sob o regimen de economia patriarchal», lêem-se períodos como êstes:

«Todo o brasileiro, mesmo o alvo, de cabello louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo—ha muita gente de genipapo pelo Brasil—a sombra, ou pelo menos a pinta, do negro.

«Na ternura, na mimica excessiva, no catholicismo em que se deliciam nossos sentidos, na musica, no andar, na fala, no canto de ninar menina pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos todos o marca inconfundivel da influencia negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ella propria amollegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras historias de bicho e de mal assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão bôa. Da que nos iniciou no amor physico e nos transmittiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.»

Desta nova maneira de olhar o negro, adoptada pelos brasileiros, resulta que a alma misteriosa dessa raça se vai desvendando. Só a simpatia pode dar entrada nas almas ao espírito analítico. Não foi outro o processo seguido pelo norte-americano Seabrook, quando quiz descobrir os mistérios da «Ilha Mágica» do Haïti, dos ritos «vaudou» e da feitiçaria negra.

Como país colonizador, Portugal tem interêsse em acompanhar de perto os estudos de africanologia feitos no Brasil, pelos progressos já registados no conhecimento psicológico do negro—elemento da nossa acção ultramarina e valor importante do nosso Império.

O S Ó R I O   D E   O L I V E I R A

VARIAÇÕES SÔBRE A «MORNA»

(A NOITE DUM IDEALISTA EM CABO VERDE)

LOGO na segunda noite em que chegou a Cabo-Verde, despachado já não me lembro para que subalterno lugarzete, em não sei que secretaria,—Emílio Freire ia ter o espectáculo, em que durante tôda a viagem (com a sedativa torporosidade das horas catalépticas, morrinhando entre céu e água, como que coladas pegajosamente no tempo; com os grandes céus nocturnos, abobadando sôbre os solilóquios tristes da amurada o longuíssimo arruído crepitante das suas estrêlas...), em que durante tôda a viagem não deixara nunca de pensar: um baile público, com raparigas da terra dansando e cantando a «morna».

Era num vasto recinto, rente ao passeio, tendo a decorá-lo uma profusão de quadrinhos, de uma oleografia bárbara e pitoresca; quadrinhos de santos e pantafaçudos grandes homens de inverosímeis campanhas em continentes longínquos de sobreexcitação, que êsse povo de emigrantes, nostálgico do que não tem e com a tarântula da intranqüilidade a enxotá-lo do que vai depois planger, numa moínha acre de saüdades,—se acostumou a venerar, trazendo-os, encaixilhados, nas maletas do regresso, entre as andainas ricas e lenços estrídulos de assoar,—como *padrões* da sua estada *lá*.

Grupos de convidados vinham chegando, que os donos da casa, com um cerimonial da mais engraçada obsequiosidade e bonhomia, conduziam para o friso de cadeiras, que corria ao longo das paredes.

Era uma patuleia vivaz de corpos moços em volitações de *toilettes,* dando pelas nuances da fazenda o substracto colorido dos sentimentos e das minúsculas crises de alma daquelas alvéloas do amor, ingénuas e *assim mesmo,* que não conheceriam do mundo, afinal, mais do que o seu recorte exterior, o seu esmaiado amargo em *talhe doce,* pretexto para um estrelecer pressentido de lágrima espaçando silêncio entre duas notas dolentes de cançoneta...

Morenas, dum queimor exótico de tâmara, vestiam o quebradiço da estátua, de côres de rosa meigos, como que tecidos a fios de ante-manhã e de alegria.

E Emílio Freire mentalmente recompunha, com os olhos postos na aliciante *mutinerie* daquelas manchas claras, em sobressaltos alacres de iluminura, biografias pequeninas de colibris, em que os *incidentes* únicos, as duas *datas* graves, verdadeiramente dignas de história, consistissem apenas nisto: agradar e servir; servir a-pesar-de tudo e contra tudo, aquele que nos maltrata e que, com as suas violências cínicas de brutal, empresta à afeição vilipendiada um significado extreme de sacramento, porque a santificam tôdas as vibratilidades místicas do martírio aceite.

Ah, como isso, no fim de contas, era gracioso e profundo! Deus! como êle se felicitava por poder ver dessa maneira, exacto!

E pela fôrça daquela poalha rósea, que, por assim dizer, as esculpia em frescura e pulcritude *pantêista,* claro que elas não podiam deixar de lhe aparecer senão — tôdas em sorriso...

Sorrir, não seria para elas um argumento preconcebido de *coquettes;* era a conseqüência reflexa dum modo de ser, revelado *antes* pela escolha do tom auroral em que donairavam.

Roxos envolviam esculturas espásmicas, que êle, com o receio de que, por êsse facto, lhe atribuíssem uma imaginação precária de jornalista, não queria dizer que sugeriam bronzes florentinos.

E eram idênticas semelhanças do que transpareciam os rostos das sedutoras, com a trama especiosamente austera dos estofos, que êle destrinçava agora, e associava, deleitado na mecânica subtil de sensações, de que aquilo que ia notando o fazia o centro nervoso.

Mas a *música* já ensaiava os seus primeiros frémitos, propulsores de rodopio...

O homem da rabeca, que delícia! que maravilha justa de pitoresco!

Pequenino, todo moldado em osso, dum amarelo de amulêto, dir-se-ia um gnômo, que tendo deixado a sua gruta azul, para espairecer um bocadito *per amica silentia lunae,* como entôa Vergílio no seu verso lindíssimo, entretecido a torsal de prata e murmurinhos fôfos de penumbra, — não atinasse com o caminho do regresso, e estivesse ali, entre a algarada motejadora das luzes e o *heu! heu!* molesto dos coxixeios, a procurar decifrar, por intermédio dos sons, o hieroglifo dos seus exasperos...

Ao lado, o companheiro da viola zoava ao de redor daquela obstinação angustiosa, o besouro trágico do seu bordão.

E pares formavam-se. As raparigas cantavam devagar, anestesiadas no embalo sonâmbulo daquela dansa de esquecimento e de feitiço...

Ah, era a «morna»!

Queixas de vaga, que já desespera de vencer a indiferença adusta do rochedo, por mais que se humilhe, por mais que se lhe roje e lhe traga nas mãos glaucas, como um perdão para a sua aspereza, a oferenda mística da espuma; lamentações da terra infecunda, que não pode mais com o cáustico do sol, e quereria ser haste, graça iriante de corola, dar-se, com o pólen, à gula das incoercíveis *criaturas do ar;* ais de melancolias côr de cinza, que não se sabe se vêm da tinta lúgubre de certas manhãs, se é o nosso desalento que não deixa que o sol venha a estrugir no céu, e pelo facto dessa impossibilidade, temos de vir a senti-las, afinal, — tudo, tudo isso passava e repassava, se entrelaçava e justapunha, ante a percepção de Emílio Freire, na espécie de langor gracílimo das vozes, no monótono voltear dos grupos bailarins...

Encontrava, assim, no que os seus olhos viam e no que ouvia, perturbado e como que desorbitado do real, a explicação do que dantes eram enigmas para êle, nesse povo-amálgama, nessa raça expoente do que

caracteriza o *contraditório português:* desbaratando num minuto o que no instante anterior construira para a eternidade, e apanhando, após, cheio de remorsos, todos os migalhos da derrocada, para reconstruir o que destruiu, e sempre, sem apreender se valeria, de facto, a pena que tal coisa *acabasse por ficar feita.*

Verificou então o sarcasmo de não lhe aparecer, para fixar o seu pensamento, senão esta verdade corriqueira, mais do que trivial: que a música é a intérprete do sentir recôndito das gentes.

Sim, o que sabemos da velha Rússia e do calafrio intérmino das suas *estepes*, não virá tanto do que os seus novelistas nos vieram contar, mas do que Borodine nos fêz *ver*, plangendo a amarga resignação dos seus compassos, em que brumas e coágulos de angústias se esfarrapam, tornados em melodia...

Manuel de Falla, por exemplo, revela-nos mais a Espanha dos *pueblos* cismáticos, ajoelhados sob o alarido do sol, numa atitude de monges de Zurbaran, do que tôdas as perorações dos sociólogos.

...E nessa noite, enquanto os corpos iam, jungidos na liana dêsses ritmos de espasmo e airosidade, — Emílio Freire sentia-se pela primeira vez, plenamente e conscientemente feliz.

C A R L O S P A R R E I R A

A PRIMEIRA MULHER PORTUGUESA NA ÍNDIA

Antes do glorioso advento dos portugueses à Índia, não consta que mulher alguma portuguesa tivesse vindo por terra ou por mar.

Houve, é certo, europeias nascidas em outros países do Ocidente que, porventura, atraídas pela curiosidade do ignoto, ou por outros motivos fizeram o sacrifício de, após longa e tormentosa jornada ou viagem, pisarem o solo da Índia.

Assim, na expedição de Alexandre Magno, quando veiu invadir a Índia em 326 A. C., os legionários trouxeram raparigas gregas que se espalharam pela Índia formando parte dos *zenanas* de vários rajás, sendo de presumir que nas veias de alguns dos actuais príncipes indianos gire o sangue heleno.

E quando se celebrou a Paz entre Chandragupto, rei indú, e o general grego Selenco, uma das cláusulas — talvez a mais importante — foi que êste devia dar sua filha àquele. Cumpriu-se tal cláusula. Devia ser formosa essa grega para atraír tanto as vistas de Chandragupto a ponto de o levar a cessar as hostilidades contra o sucessor de Alexandre.

É certo que a invasão de Alexandre não helenizou a Índia quanto aos costumes sociais e instituïções políticas locais, antes não faltam historiadores que afirmem terem os gregos copiado e levado para sua terra o sistema das nossas antigas Comunidades Aldeanas, mas contribuiu muito para a emigração da mulher ocidental na Índia. Em qualquer outra parte tal emigração teria exercido, entre o povo onde se deu, influência notável no viver doméstico e social, poderia mesmo dar outra directriz à educação e à mentalidade, mas os indús têm uma forma especial de tratar as suas mulheres. Dão-lhes pouca confiança em matéria que não prenda restritamente com o govêrno doméstico, são maridos autoritários e voluntariosos, não deixando

que as mulheres se emiscuam em negócios estranhos a êsse govêrno. Daí a pouca ou nenhuma influência do helenismo na vida económica, social, mental e política da Índia.

Depois dessa emigração grega, esteve na Índia e ainda em Gôa, o viajante italiano Nicolau Conti, que em 1419 trouxe como sua esposa uma mulher, cujo nome se ignora, mas que, presumìvelmente, era italiana. Ela acompanhou o marido em tôdas as suas peregrinações pela Ásia.

Com o descobrimento do caminho marítimo para a Índia dissiparam-se, sem dúvida, as brumas em que se envolvia o mar das Índias, e a corrente emigratória do Ocidente começou a avassalar a braveza dêsse mar, singrando-o em tôdas as direcções e hasteando em tantas terras o signo da Cruz e o pendão das quinas, mas a mulher retraía-se a atravessar aquele mar que, na sua imaginação, ainda era povoado de monstros que podiam sossobrar as naus e devorá-las.

Desde a primeira chegada de Vasco da Gama até 1510, em que o heróico Afonso de Albuquerque tomou a cidade de Gôa não consta ter embarcado mulher alguma portuguesa em tantas naus que vieram à Índia, pelo que, talvez mercê da ardência do clima, os primeiros portugueses que aqui se estabeleceram, passaram a viver em franca devassidão com as mulheres mouras e com as indús de classes inferiores da terra. Dizemos «inferiores» porque os costumes das classes elevadas eram tão rigorosos que não podiam permitir à mulher abandonar o seu lar para se entregar a indivíduo de procedência e religião diversas. Nessas classes que ainda não estavam convertidas ao cristianismo, a mulher estava como uma escrava, em clausura, a sete chaves, sem liberdade de sair, nem de estar onde se encontravam homens. E mulher que, infringindo os preceitos religiosos, caísse em aceitar a côrte dum europeu, era *outcaste*, excomungada.

E não eram só as indianas com quem os portugueses viviam nessa depravação moral. Havia também negras de Moçambique, javanezas, malaias, arménias, ormuzenses, etc., que vinham aqui fazer vida, vendendo-se às vezes públicamente nas feiras da Rua Direita.

Que resultava disso? Dum lado o deterioramento da raça portuguesa pela infiltração de sangue das classes inferiores dêsses povos, doutro uma requintada corrupção dos costumes, procurando os maridos ou «amigados» enriquecer depressa e sem escrúpulos de consciência para, afinal, aplicarem o fruto das suas tropelias, abusos e extorsões no luxo das suas favoritas a quem prodigalizavam obséquios em joias de ouro, panos de sêda e bordados, alcatifas riquíssimas, etc. E assim, enquanto essas mulheres subiam ràpidamente na escala social pela elegância dos seus trajes e pelo seu faustoso viver doméstico, comprando valiosas fazendas para se condecorarem com o título de donas e proprietárias, os que as tinham por mancebas empobreciam, sem grande vontade de regressarem à metrópole, onde suas mulheres curtiam as

agruras da soledade, raladas de saüdades, na dôce ilusão de que êles levavam aqui uma vida morigerada e exemplar, absorvidos nos negócios do Estado ou nas guerras da dilatação das conquistas.

Afonso de Albuquerque, modêlo de austeridade, cumpridor fiel dos preceitos da moral cristã, não poude ver, sem indignação e repugnância, essa progressiva queda moral. Fôra uma das causas dela a falta de mulher europeia, tanto que, se não fôra essa falta, talvez não chegasse o bravo e nobre capitão Ruy Dias, a pagar pelas suas entrevistas nocturnas com uma das moirinhas cativas numa das náus surtas no Mandovy, ***o extremo suplício pela culpa que a fraca humanidade e Amor desculpa***, — a morte por enforcamento numa das vêrgas daquelas náus!

Que poderia fazer o grande conquistador e estadista para travar essa roda de devassidões e imoralidades? Fêz o que poude. Dum lado pediu em várias cartas à côrte «mandasse à Índia quantas mulheres pudesse para se pôr côbro aos desmandos que os portugueses fazião com as mulheres gentias da terra» [1]; doutro quiz legalizar as uniões por meio de casamento «fazendo cristãs as que eram livres, e outras cativas, que os homens tomaram naquela entrada, e tinham para seu serviço... e com os mimos e favores que fazia a êstes desposados foi em tanto crescimento àcêrca da gente baixa êste alvorôço de casar, que acertando Affonso d'Albuquerque huma noite de casar huns poucos em sua casa, quando se expediram daquelle acto do desposorio, levando cada hum sua esposa, parece que com a multidão de gente, por não haver muitas tochas que os acompanhassem, perderam as mulheres; e no buscar dellas, como a luz não era muito clara, trocaram as esposas. Pero quando veio ao seguinte dia, cahindo no engano da troca, desfizerão este enleio, tomando cada hum a que recebeo por mulher, ficando o negocio da honra tal por tal. E como neste principio a gente baixa não fazia muitos escrúpulos no modo do casar, ora fôsse escrava de algum Fidalgo, de que elle tivera já uso, ora novamente tomada da manada do Gentio, e feita Christã, a recebia por mulher, e contentava-se com o dote que lhe Affonso d'Albuquerque dava, e mimos que lhes fazia, chamando a estes taes esposos genros, e às mulheres filhas......» [2].

Êsse cruzamento de europeus com mulheres das classes baixas acima referidas contribuiu imenso, na opinião de alguns historiadores, para a decadência do Império português no Oriente, realizando-se, pelo tempo adiante, os vaticínios dos que incriminavam Albuquerque por facilitar tal cruzamento «...aquelle seu bacillo — diziam êles — era de vidonho labrusco em ser mistiço, principalmente por ser da mais baixa planta do Reyno que seria para elle parreiras dante a ponta, que o primeiro asno de trabalho que viesse àquella Cidade, lh'as havia de roer; porque de gente

---

(1) Gaspar Corrêa, l. II, p. 375.
(2) J. de Barros — Dec. II, L. V., C. XI p. 559 e seg.

tão vil, como era aquella que acceitava casar por aquelle modo, não se podia esperar fruto, que tivesse honra, nem as qualidades para aquellas grandes esperanças de Affonso de Albuquerque......» ([1]).

Não se pode admitir que ao génio e à perspicácia de Albuquerque escapasse a procedência do libelo com que os seus companheiros *lhe danavam a obra* por aquela forma, mas êle precisava de gente, e muita gente, para *segurar o Estado da India;* e, no entretanto, de Portugal nem lhe mandavam gente, perdendo-se às vezes as náus na voragem dos mares e, com elas, os homens que vinham a bordo, nem lhe atendiam os reiterados pedidos sôbre passagens a conceder a mulheres que quizessem vir à Índia, a-fim-de, por êste meio, acabar com as ligações, que haviam provado tão perniciosas, dos portugueses com as mulheres de terra, umas e outros de baixa origem, porque «a gente nobre fazia mais conta de se tornar a este Reyno de Portugal, que dos casamentos delle (A. de Albuquerque.).» ([2])

Enquanto Albuquerque viveu, tudo correu bem. Embora não viessem mulheres portuguesas, as uniões ilícitas castigava-as êle com selváticas brutezas, favorecendo casamentos cristãos com dotes às mulheres e emprêgos aos maridos. Mas, depois da sua morte, tudo mudou, reapareceram as mancebias com mais descaramento, a sociedade em Gôa passou a enfermar de profundos vícios que levavam a desordem e perturbações à vida doméstica de muitos lares, a corrupção moral lavrava intensa e tudo a-pezar-da proteção e favores que os sucessores dêle continuaram a conceder aos «casados e aos que assentassem vivenda com suas mulheres e casas.»

Dissemos que os pedidos de Albuquerque à Côrte sôbre o envio de mulheres à Índia não eram atendidos. De facto assim foi, mas temos a convicção de que não foi isso por menos aprêço da Côrte por aquele judicioso alvitre de Albuquerque, tanto mais que, a êsse tempo, as *abelhas palatinas* ainda não tinham zumbido aos ouvidos de D. Manuel contra os méritos e serviços do *terribil.* É provável que os funcionários da Côrte tivessem feito diligências para as mulheres, pelo menos poucas, embarcarem para a Índia, mas nenhuma delas se dispunha a trocar o seu socêgo e a sua vida pautada pelos horrores duma longa e arriscada viagem por mares tormentosos, que devoravam náus e homens com a maior facilidade. Mesmo o engôdo de bons casamentos as não enfeitiçava quando por momentos pensassem que a Índia... *se via longe e se ouvia tarde* e que poderia ela vir a ser a sua sepultura se antes de lá chegar, as não engulissem as vagas alterosas do mar.

Parece, pois, que desde a conquista de Gôa até 1518 não esteve aqui mulher portuguesa. É certo que no Colégio de S. Boaventura, da cidade velha, na casa capitular, do lado da Epístola, há uma lápide sôbre a sepultura de Gaspar d'Andrade

([1]) J. de Barros — Ibid.
([2]) J. de Barros — Ibid.

Rego e de sua mulher *D. Maria Mascarenhas,* tendo aquele falecido capitão de Mascate a 17 de Março de 1517. Teria ela sido a primeira portuguesa que veiu à Índia? Duvidamos, desde que se não sabe ao certo se ela era ou não europeia. Nessa época andavam espalhadas pela Índia muitas arménias, e é muito possível que pertencesse a essa nacionalidade. Também não custa a crer que fôsse alguma dessas indianas que tivesse sido casada por mandado de Afonso de Albuquerque.

Podemos, porém, em resultado das investigações a que procedemos, tomar o ano de 1518 como aquele em que veiu à Índia a primeira portuguesa — a pioneira de tantas senhoras que, no longo dobar de 4 séculos, têm abrilhantado com as suas graças, com os seus encantos a sociedade de Gôa — pois nesse ano veiu à Índia Garcia de Sá — neto do famoso poeta João Rodrigues de Sá, sobrinho do 1.° Conde de Matosinhos, e filho do veador de fazenda do Pôrto — trazendo em sua companhia uma galante rapariga de Miragaya, de nome Catarina, a quem vulgarmente chamavam *Piró* e por quem andava loucamente apaixonado. O seu apelido devia ser Albuquerque.

Diz Gaspar Corrêa que o 15.° Governador da Índia, Jorge Cabral (1549-1550), que veiu na armada de 1536 *«estava com sua molher que do Reyno trouxera pera sempre viver com ella»* e que *«foy o primeiro governador que na India tivesse molher».*

Essa mulher chamava-se Lucrécia Fialho Borges, mas não foi a primeira mulher *casada* que teve aqui um governador da Índia.

Nenhum dos catorze antecessores dêsse governador consta ter vivido com mulher, nem vindo aqui com mulher europeia, e por isso a referida Catarina *Piró,* que veiu à Índia, como dissemos, em 1518, deve ser considerada a primeira portuguesa que pôs pé em Gôa.

Não era legítima a sua união com Garcia de Sá, mas, após trinta anos de vida comum, foi legitimada quando D. Catarina estava a debater-se nas vascas da morte e o seu companheiro tinha escalado a alta culminância de governador da Índia. Apressou-se êste naturalmente a liquidar um caso de consciência e regularizar a situação equívoca em que se encontrava porque tinha daquela mulher duas filhas formosíssimas e esbeltas, que eram requestadas pelos mais nobres fidalgos que então viviam na Índia e que não podiam casar com elas enquanto não fôsse santificada com as bençãos da igreja a aliança de que eram fruto. E, de facto, logo depois de se legitimar essa união, a filha mais velha, D. Leonor de Sá e Albuquerque — essa que se celebrizou pela sua horrível morte nas plagas africanas e cujos

Cristalinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despidos
Depois de ter pisado longamente,
Co'os delicados pés a areia ardente

— casou com o fidalgo D. Manuel de Sousa Sepulveda que tem um nome ilustre na história luso-oriental, e a outra, D. Joana de Sá e Albuquerque com D. António de Noronha, filho do vice-rei D. Garcia de Noronha.

D. Garcia de Sá tinha uma verdadeira loucura pela mulher que fôra sua companheira durante mais de trinta anos, nos seus triunfos e nos seus dias tristes, através de tôdas as vicissitudes e contratempos. Êle ia às campanhas fóra de Gôa, oferecendo o peito às balas do inimigo em holocausto ao engrandecimento da nação; ela mulher forte e destemida, acompanhava-o com júbilo, partilhando às vezes o mesmo pão bolorento, a mesma água estagnada, o mesmo leito de pedra em terras inóspitas. Tal foi a dor que sentiu D. Garcia de Sá pela morte de sua mulher, que lhe guardou os ossos numa rica urna de abalastro, que ainda hoje se vê entalhada na parede da capela-mór, do lado do Evangelho, na igreja de N. S. do Rosário, com o seguinte epitáfio:

Aqui jaz Dona Catarina molher de Garcia de Sá, a qual pede a quem isto ler que peça misericordia a Deos pela sua alma.

Parece ter sido ditado êste epitáfio pela própria D. Catarina, porque resume bem as virtudes cristãs que a adornavam, dando a impressão de que, à derradeira hora do seu trespasse, essa mulher de singulares dotes que durante longos anos viveu contra os canones da igreja, ambicionava que todos vertessem sôbre a sua sepultura o bálsamo da comiseração e duma piedosa prece ao Deus das alturas para o resgate das culpas dum passado de que se arrependera.

Não teve desde logo D. Catarina Piró entre as suas patrícias imitadoras em passarem impávidas o mar das Índias, a não ser quando, em 1524, embarcaram a ocultas no porão da náu em que Vasco da Gama vinha à Índia como vice-rei, três donzelas que quizeram porventura ver o maravilhoso Oriente e — porque não? — fazer um bom casamento na Índia onde tantos portugueses andavam *amigados* com mulheres de raças estranhas.

Essas três donzelas deviam ser muito ousadas e travêssas, pois meteram-se na náu contra as ordens que o velho navegador tinha dado ao comandante para não deixar entrar mulher alguma. O seu atrevimento, porém, não ficou impune. Apenas desembarcaram em Gôa, Vasco da Gama mandou-as açoitar pùblicamente nas ruas da cidade, não obstante as súplicas da Misericórdia de Gôa, dos frades e dos fidalgos para o austero descobridor do caminho marítimo para a Índia as poupar a tão vergonhoso castigo.

O velho marinheiro foi inexorável, não se deixou comover porque era severo em castigar os desmandos de quem quer que fôsse, mas, mais tarde, à hora da morte, ocorrida em Cochim, arrependeu-se. Talvez lhe passaram nêsse momento ante os olhos os horrores da tragédia a que submeteu aquelas pobres donzelas nas ruas da cidade de Gôa. Quiz, no derradeiro alento de vida, remir com um acto de

liberalidade aquele gesto de fera, pois a cada uma das referidas raparigas deixou no testamento cem cruzados para seu dote, com o qual — diz Gaspar Corrêa — *acharão bons maridos e forão casados e honradas.* Infelizmente não se sabem os seus nomes mas, com a já mencionada D. Catarina *Piró,* essas três donzelas foram as primeiras portuguesas que estiveram em Gôa e pioneiras da emigração feminina que, no transcurso dos anos, recebeu um forte impulso com a fundação, no reinado de D. João III, do *Recolhimento das Orfãs honradas* — estabelecimento benemérito que servia de asilo e amparo a raparigas órfãs. As recolhidas chamavam-se *órfãs d'el-rei* e muitas delas vinham à Índia *bem acomodadas e assistidas,* fazendo casamentos prósperos com os portugueses ou com os filhos desta terra.

No memorável cêrco de Diu, sustentado com heroismo em 1538 por António da Silveira, esteve uma mulher madeirense chamada Isabel da Veiga, que aos portugueses que tomaram parte nêsse cêrco prestou relevantes serviços, fazendo disvelada enfermagem aos feridos e mutilados.

Na igreja do Rozário, da velha cidade, existe a sepultura de Violante Roboreda, *molher que foi de Dom Tristam de Monroy,* falecida em 6 de Agosto de 1548; e no Convento dos Frades Franciscanos em Cochim consta existir a sepultura de *Isabel de Lisboa, molher de Bernabé Mascarenhas,* que faleceu em 1 de Outubro de 1562.

Não se sabe ao certo se essas senhoras eram europeias. Presumo que sim, devendo porisso ser as que se seguiram à referida D. Catarina *Piró,* sob a benfazeja acção do referido Recolhimento. Dizemos *senhoras,* porque não deixavam de aparecer por essa época na Índia, embarcando talvez em barcos de pirataria, algumas mulheres europeias que vinham *fazer sua vida.* Assim, em 1523, se encontra numa galé nossa que vinha de Mascate e que fôra aprezada pelos mouros, uma portuguesa muito galante e que dava pela alcuha de *marquesa* e que teve uma romântica carreira, casando, sucessivamente, com muitos indivíduos. [1]

Enquanto dessa forma, Portugal promovia a vinda de mulheres europeias à Índia, a Inglaterra, logo no início do seu estabelecimento no Oriente, adotava política diversa, pois a célebre Companhia das Índias Orientais proïbia formalmente aos seus funcionários trazer mulheres à Índia, resultando daí que alguns dêles chegaram a casar aqui com senhoras portuguesas e holandesas, como se vê da história da Índia e de epitáfios tumulares em diversos pontos, onde a êsse tempo se encontravam importantes núcleos de população europeia.

Segundo as modernas investigações, a primeira mulher inglesa desembarcou na Índia em 1612. Foi *lady* Powell, que nêsse ano acompanhou seu marido *sir* Thomas

(1) Vid. o nosso artigo «Os primeiros cruzamentos europeus na Índia», no *Boletim do I. V. G.*, n.º 1, de 1926.

Powell, embaixador inglês na Pérsia, tendo-lhes também nascido na Índia um filho, que foi a primeira criança inglesa nascida na Índia.

A imigração feminina aumentou a passos gigantescos com a introdução de barcos a vapor e abertura do canal de Suez, que, além de encurtarem a distância entre o Oriente e o Ocidente, reduziram ao mínimo os riscos de sinistros marítimos, que dantes eram freqüentes, fazendo com que as senhoras tivessem horror à viagem até à Índia, então terra destêrro, hoje àvidamente demandada por elas, visto que, com os caminhos de ferro e as boas estradas que cortam a Índia em tôdas as direcções, com as diversões de todo o género que animam ainda as aldeias e burgos, com os grandes recursos que em tôda a parte se oferecem, a vida social ainda nos mais solitários e alcantilados *hills* deixa de ser para a inglesa uma sensaboria provocadora de neurastenia para passar a ser uma perene fonte de prazeres, encantos, seduções...

Que contraste entre os tempos de hoje, em que os vapores que dia a dia chegam da Europa e despejam nos grandes cais ds Bombaim, Calcutá, Madrasta, Karachi e Colombo senhoras europeias às dezenas, às centenas, e os de há quatro séculos, em que uma europeia era aqui *avis rara*, objecto de admiração e espanto entre os povos indianos, que a olhavam como um ser extraordinário por ter vindo sôbre o dôrso das ondas do Mar Tenebroso, atraída não pelo cheiro da pimenta, que era então o *lume dos olhos de Portugal*, mas pelo prospecto dum casamento vantajoso em terras que as narrativas dos viajantes figuravam como um país ideal, onde as gemas preciosas surgiam debaixo dos pés e se enriquecia depressa!

Nova Gôa.

A M Â N C I O G R A C I A S

PORTUGAL IGNORADO

Da obra grandiosa que os portugueses realizaram no Mundo, quantas e quantas coisas ficaram esquecidas na bruma dos tempos!

E quantas se perderam por completo no turbilhão das guerras que tivemos de sustentar em tôdas as partes e com tôdas as raças!

Quantas!

Mas o próprio tempo, que as fêz esquecer ou perder, vai pouco a pouco, com o auxílio dos estudiosos, trazendo-as à luz da recordação ou da descoberta, avivando assim mais a nossa glória passada, aumentando as proporções do esfôrço gigânteo por nós realizado em paragens longínquas.

E coisa curiosa: são os estranhos, mais do que nós, que estão presentemente desempenhando a grande tarefa das investigações históricas sôbre as nossas obras ignoradas.

É assim em Marrocos, onde franceses e espanhois têm feito interessantes descobertas àcêrca da nossa primeira epopeia.

É assim em Malaca, onde os ingleses estão fazendo ressurgir, com o estudo das velhas Igrejas que lá deixámos, o desenterramento duma antiga fortaleza e a decifração exacta das lápides abandonadas, uma das mais belas páginas da nossa história, intimamente ligada a essa grande e extraordinária figura que foi Afonso de Albuquerque.

É assim em tôda a costa da Índia, principalmente no Malabar, na Insulíndia, no Japão, etc.

Por tôda a parte se estão arrancando dos escombros, da tradição e de documentos perdidos mais provas da nossa grandeza de outrora.

A última descoberta impressionante foi aquela que nos atribui a fundação de uma das mais importantes e belas cidades da Índia — Madrasta.

Várias foram as origens atribuídas a essa grande cidade da Costa da Pescaria. Se faltava a verdadeira, natural era que existissem várias... hipotéticas. Mas eis que os nossos padres encontram três lápides, três luzes, que tudo iluminam, que esclarecem o caso e nos dão mais um título de glória.

* * *

Os portugueses estabeleceram-se em Meliapôr logo após a descoberta aí do túmulo de S. Tomé Apóstolo, que até essas paragens longínquas tinha alargado a sua acção missionária.

Erigiram uma igreja no próprio local da descoberta, e em volta dela uma cidade fortificada, que pouco a pouco se foi desenvolvendo até constituir um poderoso centro do nosso comércio e da nossa expansão, até ao ano de 1745, data em que os ingleses a bombardearam e destruíram por completo, nada ficando dela senão ruínas.

A igreja, hoje catedral, foi depois reedificada, porque os nossos padres não abandonaram nunca o lugar sagrado de Meliapôr. Mas a cidade, essa ficou para sempre perdida. Dela restam hoje sòmente algumas pedras, que mãos patrióticas e piedosas vão carinhosamente reünindo dentro dos muros do palácio episcopal daquela diocese do Padroado.

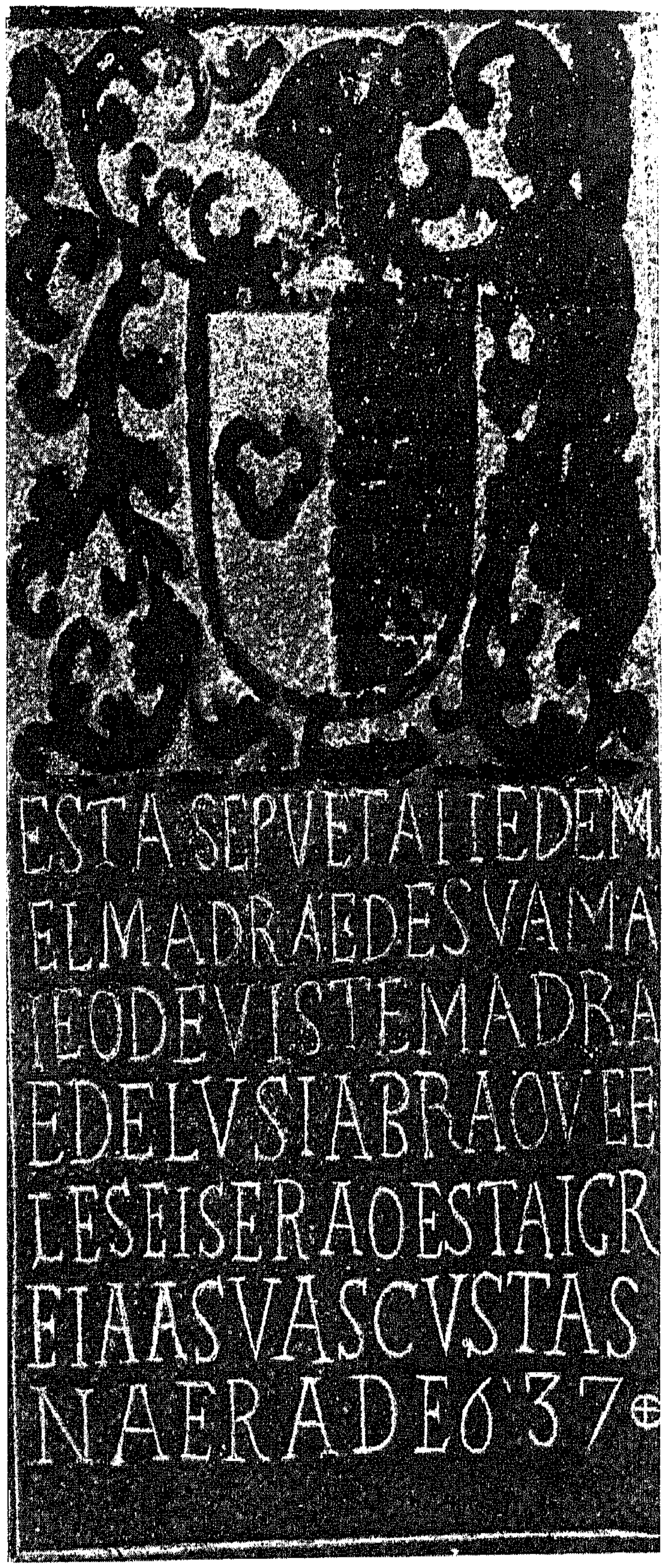
No meio de tão grande catástrofe surgiu ou desenvolveu-se a cidade de Madrasta, quási ligada a Meliapôr.

Quem a fundou?

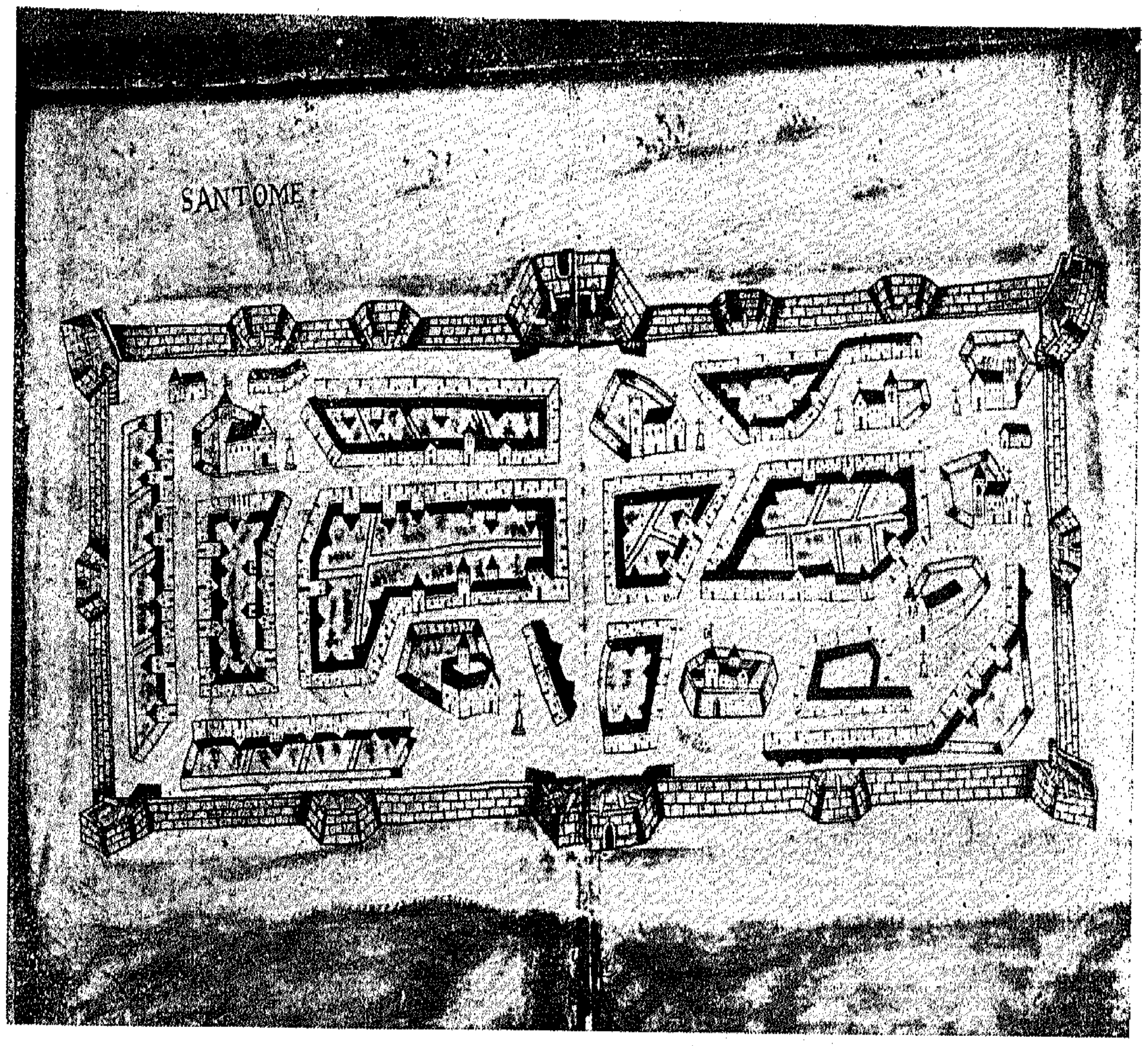
Foram os nossos padres que deram há poucos anos a resposta verdadeira e decisiva a tal pregunta. Quem fundou Madrasta foi uma família portuguesa!

* * *

Pode-se calcular o assombro que tal afirmação causou, sabendo-se que desde longa data interessava sobremaneira aos homens de ciência a origem da grande cidade e que nunca havia sido admitida a hipótese dessa origem ser portuguesa.



Uma das três lápides há pouco descobertas e que provam a origem portuguesa da cidade de Madrasta



A cidade portuguesa de S. Thomé de Meliapôr, fundada no século XVI e destruída pelos ingleses em 1745

(Planta de Rezende)

Podia lá ser dever-se ainda tal obra ao génio dos portugueses!

Pois foi assim mesmo.

Uma lápide tumular encontrada pelos nossos padres, diz o seguinte:

«*Esta sepultura he de Manuel Madra e de sua mae filho de Vicente Madra e de Lusia Braque eles fizeram esta igreja a suas custas na era de 637.*»

Demonstra esta inscrição que muito antes da destruição de Meliapôr uma família portuguesa chamada Madra se estabeleceu no local onde hoje existe a cidade de Madrasta e aí construíu uma igreja e ficou sepultada.

O achado é só por si bastante valioso e esclarecedor. Não seria Madrasta a terra dos Madras?

Mas outras duas lápides foram ainda encontradas, e essas firmam de maneira decisiva a origem portuguesa da grande cidade.

Diz uma delas:

«*Aqui jaz Cosmo Lourenço Madera natural da vila de Acoutim reino do Algarve filho legitimo de Fernão Martins de Siqueira e de Maria Devesa. Foi cazado da primeira vez na cidade de Negapatam com Monica Pereira e sendo cazado da segunda vez com Dona Escholastica de Sousa, fundaram esta igreja. Faleceu em 17 de janeiro de 1703.*»

É claríssima a inscrição, mas o mais valioso dela é a substituição de *Madra* por *Madera*. Que relação haverá entre os dois nomes?

A seguinte: Madra é a contracção de Madera.

Dúvidas desta interpretação não podem haver nenhumas diante da terceira lápide:

«*Aqui jazem Dona Mariana de Sousa mulher que foi de Diogo Froes de Sande. Faleceu em 12 de fevereiro de 1688 e Dona Josepha Madra mulher que foi de Matheus Carvalho da Silva e faleceu em 31 de Maio de 1699. Ambos naturaes da cidade de Madrastapam Filhos legitimos de Cosmo Lourenço Madra e de Escholastica de Sousa Fundadores desta Igreja.*»

Aparece pela primeira vez *Madrastapam*, terra dos Madras ou dos Maderas, conforme a segunda lápide indica.

E diante de tais provas é fácil reconstituir as coisas passadas.

A família Madera estabeleceu-se próximo da antiga cidade de Meliapôr, onde fundou uma igreja, sinal de que era rica, e provàvelmente um lugar ou aldeia com os seus numerosos criados. A família cresceu, outros portugueses juntaram-se-lhe, talvez, e o lugar desenvolveu-se ràpidamente, mas sempre em volta da grande casa primitiva, que lhe deu o nome. Com o tempo Madera contraíu-se em Mara, e Madra deu Madrastapam, que hoje é — Madrasta.

* * *

Por todo o Mundo — a mesma coisa, sempre. Estudando a história dos séculos XV e seguintes, encontram-se a cada passo vestígios, provas eloqüentes da nossa acção heróica e da nossa primazia em muitos das coisas grandes e belas que a civilização deu à Terra e à Humanidade.

Agora é mais uma cidade que surge na constelação luminosa da nossa glória. Felicitemo-nos por isso.

Mas quantas e quantas maravilhas estarão ainda apagadas aos olhos da História?

Já o disse e repito: Precisamos de olhar com atenção para estas coisas, estudá-las, lembrá-las, discuti-las, porque é no valor das suas obras que as Nações se firmam e os povos se enobrecem.

Percorrendo o Mundo em diversas direcções, algumas curiosidades vimos que merecem ser contadas.

E, se podermos, contá-las-hemos aos leitores de *O Mundo Português*.

A N T Ó N I O L O P E S

SEMANA DAS COLÓNIAS

A obra de propaganda colonial que há anos a Sociedade de Geografia vem realizando sob a denominação de Semana das Colónias, pretende fixar anualmente uma semana, durante a qual de norte a sul do país se exalte o esfôrço dos portugueses no desenvolvimento dos domínios de além-mar.

A Semana das Colónias de 1934, inaugurada no dia 19, com uma sessão especialmente dedicada à mocidade das escolas, e a que presidiu o Ex.^{mo} Sub-secretário de Estado das Colónias, começou pelo descerramento do busto do saüdoso Secretário Perpétuo da Sociedade, o falecido Almirante Ernesto de Vasconcelos tendo o Presidente da Direcção Sr. Conde de Penha Garcia feito a sua rápida biografia apontando-o à mocidade como um exemplo a seguir.

De tôdas as escolas que se fizeram representar e cujos alunos colaboraram nesta festa, só em duas é ministrado o ensino especial de assuntos coloniais:

O *Colégio Infante de Sagres*, que foi o primeiro a instituír um curso colonial e o *Colégio Militar*.

Damos por isso o merecido relêvo às palavras pronunciadas pelos alunos que representaram cada um dêsses colégios:

Palavras do tenente Mário Marques — professor do Colégio Infante de Sagres — pronunciadas por um aluno dessa escola:

Império Colonial Português! Portugal disperso pelo mundo! Navegação! Conquista! Heroismo! Colonização! Riqueza!

É, aqui, o arquipélago de Cabo Verde com as suas ilhas montanhosas e o seu magnífico pôrto de S. Vicente, no cruzamento de caminhos comerciais, — orgulho de um povo que nasceu destinado para colonizar e inveja dos povos que lhe conhecem o valor.

É, mais adiante, a Guiné, conquistada palmo a palmo à resistência dos indígenas e onde o nosso esfôrço de ocupação originou páginas brilhantes na História Colonial.

É, mais além, S. Tomé, a magnífica colónia de plantação.

É, depois, Angola, êsse vasto campo de actividade que o próprio destino voltou face ao Brasil, como que a indicar-nos que é ali, no ar puro dos planaltos, que

podem encontrar a satisfação das suas ambições, todos os que vão dar o seu esfôrço malbaratado às terras longínquas da *nação irmã*.

É, na outra costa, Moçambique, onde, em 1505, Pedro de Anáia, fundando a fortaleza de Sofala, abriu ao espírito colonizador de Portugal a fertilidade de um território que, conquistado e engrandecido através dos séculos, deu figuras como António Ennes e Mousinho de Albuquerque.

É depois, lá ao longe, banhada pelo Oceano Índico, essa Índia Maravilhosa, onde paira ainda e há-de pairar sempre, o espírito do maior colonizador de todos os tempos, Afonso de Albuquerque que, tendo abismado o mundo com a sua intrepidez, deixou à ciência colonial os maiores e melhores ensinamentos da arte de governar os povos.

É depois, porta aberta para a China, a pequenina colónia de Macau, atestando nos seus 14 quilómetros quadrados todo o poder de expansão de uma raça que, na ânsia de se dilatar e engrandecer, enfrentou a ira dos mares e a fúria da pirataria.

E é, já lá nos confins do mundo, Timor, a nossa colónia mais ignorada e que modestamente parece querer recompensar com a fertilidade do seu território o esfôrço de a termos colonizado.

É assim o nosso império colonial. Para o termos, fomos ontem, conquistadores guerreiros e navegantes. Para o mantermos, hoje, necessitamos apenas de ser patriotas.

E é a nós, aos Novos que caminham para a vida, que nos pertence fortificar com a nossa mocidade o espírito de carinho e amor pelas nossas colónias.

O melhor preito de gratidão que poderemos prestar ao heroismo e sacrifícios do passado, é dar-lhes o nosso entusiásmo no presente e a nossa fé e a nossa esperança no futuro. As colónias são campos de actividade para as actividades que já não cabem nas Metrópoles.

É nas colónias que os capitais e as iniciativas encontram melhor remuneração aos seus esforços. É às colónias que a indústria das metrópoles vai vender os excessos da sua produção. É nas colónias que o comércio das metrópoles vem abrir novos mercados, como compensação dos mercados que se lhe vão fechando dia a dia.

Um país sem colónias só vende o que os outros lhe quizerem comprar.

E na luta económica que se desenha, em que cada Nação parece destinada a viver apenas dos seus recursos, Portugal, com mais de dois milhões de quilómetros quadrados espalhados pelo Mundo, tem obrigação de enfrentar essa luta, desde que todos nós, mas principalmente a mocidade Portuguesa, comece adquirindo, no entusiasmo pelo Império, a consciência das nossas possibilidades.

Levemos êsse entusiasmo até ao conhecimento da sua história. A história Colonial tem tantas páginas brilhantes como a história Metropolitana. Só conhecendo as duas se conhece a História de Portugal.

Colegas, está à frente dos nossos destinos coloniais um português que pela sua cultura, pela sua inteligência e pelo seu patriotismo tem conseguido despertar a consciência adormecida da Nação.

Traz uma idea. Agrupemo-nos todos em volta dessa idea e saibâmos fortificá-la com o apoio do nosso entusiasmo!

Sôbre o nosso património gravitam as mais desenfriadas ambições. Os países que perderam as suas colónias tentam recuperá-las ou conquistar as dos outros. Mais do que nunca se torna necessário o auxílio dos môços como nós.

Quando, um dia, a mocidade Portuguesa conheça, em todos os seus aspectos, o valor do Império, teremos organizado o nosso melhor exército colonial.

Aprendâmos a conhecer as nossas colónias! Conhecê-las é começar a amá-las! E amá-las é estarmos prontos a defendê-las!

Trecho lido por um aluno do Colégio Militar, escrito pelo falecido Coronel Ferreira do Amaral, que ao Exército e à causa Colonial deu o melhor dos seus esforços. E' um episódio das nossas campanhas coloniais, em que tem o principal papel o então capitão e mais tarde glorioso Marechal Gomes da Costa.

Nas imediações do forte do Humbe ia-se proceder ao funeral de dois oficiais e de duas dezenas de soldados, todos mortos em combate na manhã de 25 de Setembro de 1904.

Estávamos no dia seguinte àquele, em que um destacamento do comando do Capitão de artilharia Pinto de Almeida, tinha perdido em combate mais de metade do seu efectivo.

Estavam abertos três covais. Dois com as dimensões vulgares para os dois oficiais: o Tenente de infantaria Luz Rodrigues e Alferes Rodrigues.

Quanto ao terceiro coval, era uma vala de alguns metros, onde as praças, ao lado umas das outras, descansariam o último dos sonos, entregando a carne aos vermes e os ossos definitivamente à terra.

Em frente a êsse improvisado cemitério, estavam debaixo de forma, tôdas as praças que compunham os restos da coluna da campanha de 1904 «Além Cunene».

Nesse combate morreram 16 dos 19 oficiais que comandavam e acompanhavam o destacamento, e dos três sobreviventes havia um, gravemente ferido.

Seriam pois umas quatro ou cinco horas da tarde, talvez, quando se estava procedendo à triste cerimónia. O que havia... para enterrar, eram apenas aqueles que os camaradas tinham conseguido arrastar do local do combate até onde estacionava o resto da coluna junto à margem esquerda do Cunene, nesse dia 25.

Quanto ao resto das baixas, eram 285, ao todo, e... tinham lá ficado; nunca mais voltaram!

Fazia parte dessa coluna o Capitão de infantaria Gomes da Costa, que nela desempenhara até êsse dia as funções de comandante dos Auxiliares, ou Irregulares, como lhe queiram chamar. Êste cargo nas campanhas coloniais é sempre arriscadíssimo e ingrato. O oficial comandante dos Auxiliares é pelos seus camaradas considerado uma criatura sacrificada sem remissão. No entanto, só um oficial com predicados especiais, pode desempenhar com êxito tais funções.

É preciso que tenha uma longa permanência nas colónias, é necessário que tenha qualidades patentes de valor pessoal, é necessário ser criatura que se esqueça absolutamente de si, para se lembrar só de todos os outros.

O comandante dos Auxiliares, sempre a cavalo, é às vezes o único branco entre os pretos. Tem como arma de defeza pessoal por vezes uma carabina, por vezes uma pistola e um chicote de cavalo marinho.

Os restos da expedição de 1904 estavam formados em linha de colunas das diferentes unidades, e representavam o que tinha sobrado de uma campanha que, tendo começado por ser alcunhada de simples passeio militar, acabara num drama que não

só abalou profundamente as famílias que lá tinham os seus, mas ainda o país todo. Estou em dizer que abalou mais o país, do que em 9 de Abril de 1918 quando da ofensiva alemã.

Tratava-se, pois, de prestar a derradeira homenagem e as últimas honras fúnebres aos sacrificados no altar do dever. O comandante da coluna encarregou nessa ocasião o Capitão Gomes da Costa de dizer duas palavras às tropas, àcêrca do que se estava passando.

Então é que eu vi bem, quanto êsse oficial tinha alma de verdadeiro soldado e, não só alma, mas também hábito externo!

Alto, forte, sêco, pele enegrecida e requeimada por uma longa permanência nas colónias, olhos negros, que nos momentos solenes chispavam com brilho intenso e desusado, a sua figura, nesse momento impressionou-me.

O seu nome na época em que se passaram os acontecimentos que acabei de narrar, fazia parte dessa pleiade de heróis e beneméritos da Pátria como o foram: António Ennes, Coronel Galhardo, Eduardo Costa, Freire de Andrade, Paiva Couceiro, Mousinho de Albuquerque, Sanches de Miranda, Manoel do Couto, Médico da armada Amaral, Caldas Xavier e muitos outros que a fraca memória dos portugueses suprimiu já da lista da gratidão dos povos.

O Capitão Gomes da Costa, voltando-se então para as fôrças formadas em linha de colunas com frente aos covais, descobriu-se, fitou as fôrças durante alguns segundos percorrendo-as com a vista e, numa voz sentida e solene ainda que vibrante, disse:

— Senhores oficiais e sargentos!... Vamos prestar as nossas últimas homenagens e despedidas àqueles dos nossos companheiros que, vítimas dos mais sagrados deveres militares, caíram para sempre na luta de há vinte e quatro horas!

Calou-se uns momentos, como que a medir as palavras que ia proferir e recomeçou avançando para os soldados e mostrando os mortos com o gesto simultâneo dos braços que estendeu para os covais, ao longo dos quais estavam estendidas umas três dezenas de cadáveres.

— «Soldados!... O ideal, a consolação suprêma e o último desejo do soldado que não póde vencer é uma bala inimiga na testa, é um palmo de terra a cobri-lo para sempre!»

Depois voltando costas ao fúnebre espectáculo das carnes esburacadas que começavam a apodrecer e bem de frente para as tropas, fitando em especial os oficiais, disse:

— «Meus senhores e camaradas!... O soldado não vence quando quere, mas sempre que pode!... Se porém ao lutar cai vencido... ao morrer... só quere uma coisa... quere que o vinguem!»

Apontando então para os covais, disse:

— «Não devemos esquecer os que morrem!... Por isso, àqueles que são religiosos e acreditam em Deus, eu peço que rezem uma Avé-Maria, por alma dos nossos bravos companhanheiros, que não puderam vencer... e aos que não crêem em Deus, eu peço que por momentos, alguns apenas, entreguem o seu pensamento à memória dos que estamos vendo, pela última vez!»

Ao acabar a última frase, pondo um joelho em terra e um pouco curvado, esteve uns momentos com a cabeça descoberta.

A coluna ajoelhou tôda instintivamente e, ao levantar-se, todos os soldados das unidades europeias tinham os olhos rasos de água e alguns choravam convulsivamente.

A ICONOGRAFIA

DOS PORTUGUESES NO ORIENTE

A série de gravuras publicadas no presente número, extraídas do livro raro «Relações entre Portugueses e Japoneses» publicado pela Sociedade Luso Japonesa, e editado em Tóquio, fazem parte da documentação iconográfica de um admirável trabalho de história de arte «A iconografia dos Portugueses no Japão» da autoria do ilustre ex-ministro de Portugal em Tóquio, Sr. José da Costa Carneiro.

Trabalho de profunda erudição, de um notável conhecimento da bibliografia histórica das primeiras relações estabelecidas entre portugueses e japoneses, no aventuroso ciclo das perigrinações e viagens ao extremo-oriente, na era de quinhentos, nêle se estuda e se comenta o papel que teve a civilização ocidental na vida, na religião, nos costumes e nas ideas do império nipónico, por intermédio da influência e da penetração dos portugueses.

Esta maravilhosa influência, testemunhada na obra de arte, pelos artistas japoneses, cujos vestígios ainda estão presentes, e revivem na deliciosa documentação plástica que as gravuras publicadas reproduzem, descreve-a, na sua complexa evolução, o autor, que nêste ensaio se revela um subtil espírito crítico, um arguto documentador, e uma viva personalidade de artista.

Optou-se pela denominação de «A iconografia dos Portugueses no Oriente», para evitar, ao leitor, confusões, aliaz naturais para quem desconhece o processo de comparação que no seu livro segue o Sr. José da Costa Carneiro.

Assim as gravuras n.os 1, 2, 3 e 4, referem-se exclusivamente à iconografia de portugueses no Japão, e as 5, 6 e 7, pertencem ao conhecido livro de João Huyghen van Linschoten, o célebre holandês, que partiu de Lisboa para a Índia Portuguesa, em Abril de 1583, e que durante cinco anos viveu em Goa, tendo fixado, na estimável colecção de gravuras que deixou, a vida e os costumes portugueses nessas longínquas paragens.

Estas últimas foram reproduzidas pelo autor para refôrço da sua tese, demonstrando que os personagens que aparecem no livro do comentador holandês são pares, na idumentária, nos portes, e nos costumes dos que figuram nos deliciosos biombos da notável colecção japonesa.

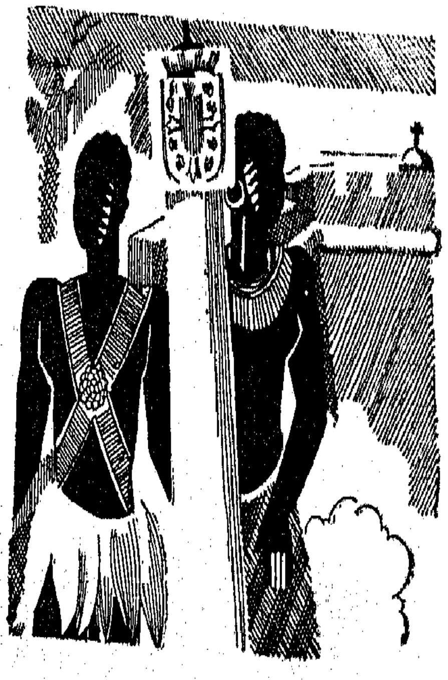
Assim o confirma o autor no passo final do seu ensaio, quando diz:

«¿ Não serão, portanto, irrefutàvelmente portugueses os personagens estrangeiros de tôdas essas pinturas japonesas?

Indubitàvelmente que são. Apontemos, porém, uma última e já quási escusada prova. Nessa época em que no Japão se introduziam os primeiros conhecimentos de geografia, em que o vasto mundo desconhecido tanta curiosidade despertava, foi moda decorarem-se alguns dos biombos, que ornavam as salas dos nobres, com pinturas em que se reproduziam não só os mapas onde essas longínquas regiões vinham indicadas, mas os tipos e os trajos nacionais dos diversos habitantes de todos êsses países desconhecidos. Em todos os exemplares que conheço, só os portugueses são representados com as largas e características *bombachas* com que figuram nos *biombos de nambans* e com que nos aparecem nas gravuras do livro de Linschoten. Todos os outros, — ingleses, holandeses, espanhois, franceses, — aparecem trajados de maneira diversa: com o calção curto do vestuário europeu da época.

E nêstes exemplares não há êrro ou hesitação possível sôbre as intenções dos pintores e sôbre a nacionalidade dos personagens. Como naquele de que reproduzimos o pormenor referente aos portugueses (gravura IX-B) todos os países de regiões representadas vêm indicadas com o seu respectivo nome em caracteres ideográficos.

Sempre me quiz parecer que êstes *nambans* eram portugueses. Só lhes faltava falar. Falou por êles, — e com especial autoridade e eloqüência, — o célebre escritor flamengo João Huyghen van Linschoten.»



A ICONOGRAFIA DOS PORTUGUESES NO ORIENTE

LEGENDAS

DAS GRAVURAS

1 — Biombo da Universidade de Quiôto, representando a chegada a um pôrto japonês dum barco português.

2 — Biombo da Universidade de Quiôto, representando um pôrto português e a partida dum barco para o Japão.

3 — Pormenor do biombo da Universidade de Quiôto. O Palácio do Vice-rei.

4 — Trecho do rôlo de pinturas (maquimôno) intitulado «Cabuqui zoxi emaqui», pertencente ao Sr. Marquês Ioxitchica Tocugaua.

5 — Uma cena nas ruas de Goa, segundo a gravura do livro de Linschoten.

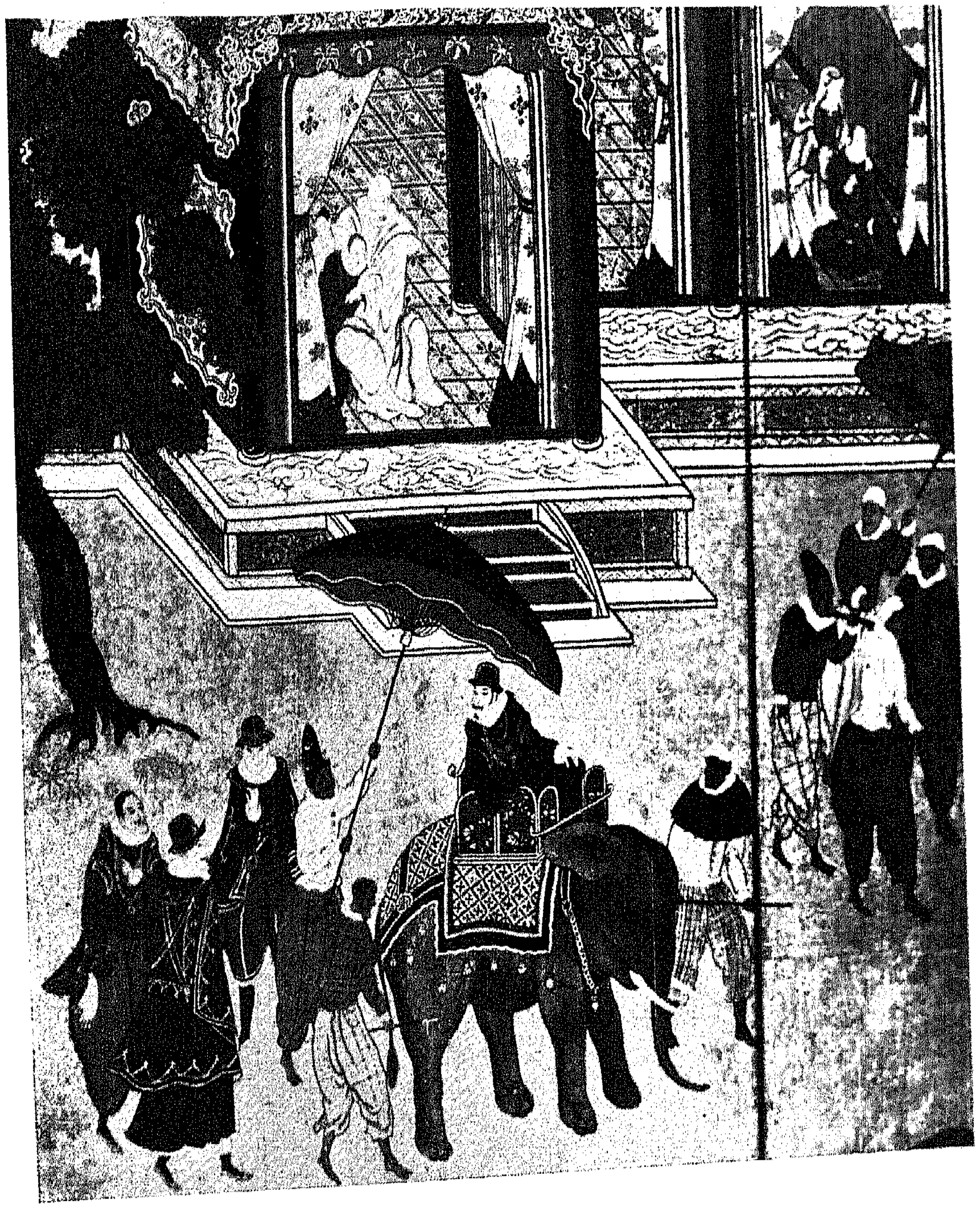
6 — Os portugueses em Goa, segundo a gravura do livro de Linschoten.

7 — Um português em palanquim nas ruas de Goa, segundo a gravura do livro de Linschoten.

Estas gravuras foram reproduzidas das «Relações Entre Portugueses e Japonezes». Boletim da Sociedade Luso-Japoneza. Tóquio - 1929.

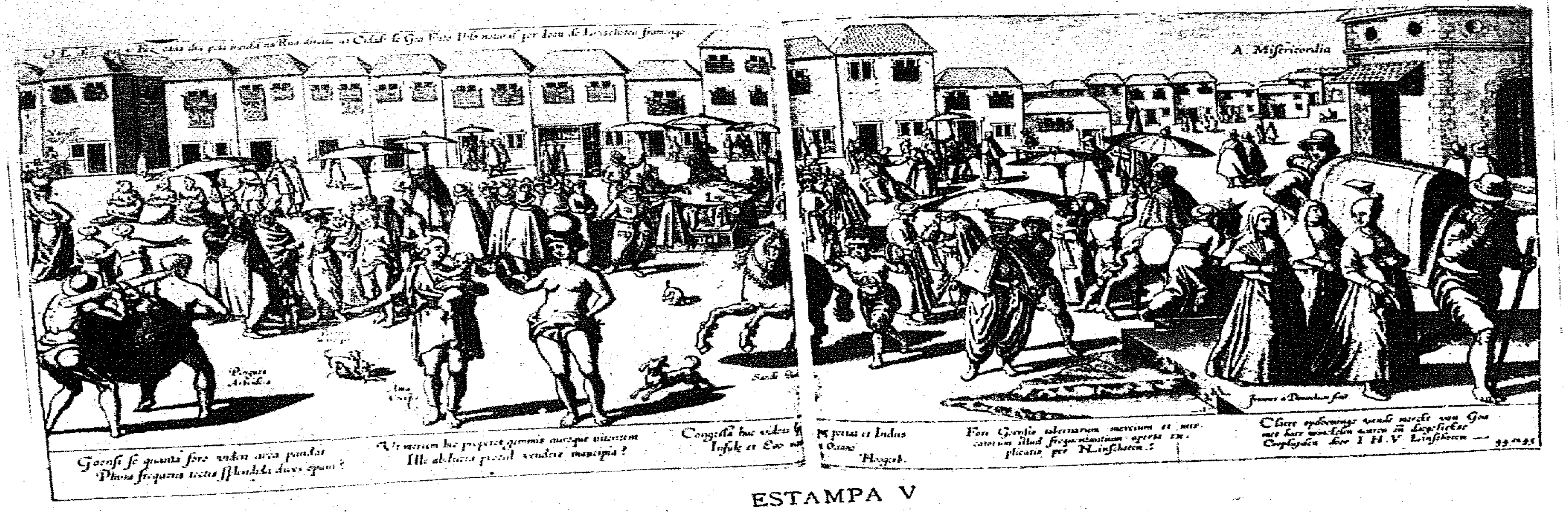
1

2



3

4



ESTAMPA V

Uma scena nas ruas de Goa, segundo a gravura do livro de Linschoten

5

6

7

Exposição Colonial do Porto 1934

Tradução do artigo publicado na Revista «The African World», n.º 1635 de 10 de Março de 1934

Foi sem dúvida o Marechal Lyautey — êsse admirável mestre da colonização — quem melhor definiu as vantagens e os méritos duma exposição colonial.

O seu ponto de vista de que as exposições trazem a confiança nos destinos da Pátria e na própria actividade, ao mesmo tempo que demonstra, duma maneira cabal, a vitalidade duma nação, é o melhor argumento que se pode encontrar para salientar e pôr em relêvo a importância e o valor de semelhantes certames.

É inegável que a humanidade tirou da sua experiência dos últimos vinte anos uma admirável lição colonial. Pelo contacto com as realidades imediatas do problema colonial adquiriu ou descobriu por ventura a noção do verdadeiro sentido da acção ultramarina.

Convencida hoje que, sòmente no plano colonial é possível realizar a exacta idea da solidariedade humana, persuadida que ainda há sôbre a terra vastas fontes de prosperidade a explorar, enormes superfícies a desbravar, lugares onde a pacífica batalha a dar à miséria, à ignorância e a tôdas as fôrças más da natureza é urgentíssima, a humanidade acha-se neste momento particularmente apta a receber os ensinamentos das exposições coloniais que, além de virem mostrar todo o imenso labor já feito pelas nações colonizadoras, servirão também para pôr em evidência tudo quanto ainda resta fazer.

* * *

É nesta ordem de ideas que se inspira a Exposição Colonial do Pôrto de 1934. Os seus objectives principais que claramente se acham consignados no artigo 1.º do seu Regulamento Geral, são os seguintes: «A primeira Exposição Colonial Portuguesa tem por objectivo a afirmação das possibilidades nacionais em matéria colonial e será organizada com critério essencialmente prático, mostrando a extensão, intensidade e efeitos da acção colonizadora portuguesa, os recursos e actividades económicas do Império e as possibilidades do estreitamento das relações comerciais entre as várias partes da Nação.»

Sem abstraír, portanto, do legítimo orgulho do seu passado glorioso, Portugal pretende, nêste certame, comprovar mais uma vez a sua superior capacidade colonizadora e, acima de tudo, realizar uma obra activa, útil e oportuna, mostrando o que tem sido o esfôrço colonizador português, a sua acção desinteressada em favor das raças nativas e, finalmente, todos os triunfos alcançados, não só sob o ponto de vista administrativo, como económico.

Dominado por uma febre patriótica de propaganda, Portugal inicia agora, com a Exposição Colonial do Pôrto de 1934, uma das mais importantes senão a melhor campanha a favor da causa colonial, que se tem feito, até hoje, no país. Começava a ser urgente destroçar êsse fatalismo lusitano que entretanto se generalizara.

* * *

Inteligentemente escolhido o local que em Portugal era de eleição para uma Exposição Colonial — o Pôrto, a cidade mais industrializada do país — a presente exposição vai ser, para os portugueses, fértil em ensinamentos que devem valorizar perante o seu espírito a idea do Império Colonial. A sua realidade política já hoje começa a afirmar-se mas exige, para sua consolidação, que todos os portugueses aproveitem duma propaganda que os instrua tanto como esclareça. A Exposição Colonial do Pôrto tem, assim, como o afirma o seu diploma orgânico, na verdade, uma nítida finalidade utilitária, pois vai permitir a milhares de portugueses e aos estrangeiros que, decerto, afluirão a êste certame, um contacto consciente com aquele conjunto de realida-

des e possibilidades que dão hoje a Portugal um lugar no Mundo. Os portugueses que se encontram no Brasil e cujos sentimentos patrióticos tão vivos se têm sentido através do magnífico Boletim da Sociedade Luso Africana do Rio de Janeiro, acompanham sempre calorosamente os empreendimentos desta natureza; por isso estamos convencidos que não deixarão, também, aqueles que puderem, de ir a Portugal assistir a mais esta prova da capacidade colonizadora portuguesa.

A Exposição Colonial do Pôrto de 1934 será a demonstração fulgurante de que Portugal se não limita apenas à estreiteza das suas fronteiras europeias mas compreende pelo contrário regiões infinitamente mais vastas e variadas, habitadas por populações numerosas que só agora começam a tomar consciência das suas próprias necessidades, circunstância de que devem aproveitar as suas indústrias, cujo futuro económico se encontra intimamente ligado ao da Metrópole. Revelar-nos-há, entre outros factos, a técnica e os progressos das suas instalações culturais e mesmo industriais que atestam, duma maneira evidente, a vitalidade do Império, ao mesmo tempo que fazem o espanto do visitante estrangeiro. Provar-nos-há, uma vez mais, ainda, o desenvolvimento prodigioso que se verificou em tôdas essas colónias, mau grado a crise, a acentuação para lá das previsões mais ousadas e optimistas do ritmo da prosperidade e do aumento do seu poder de compra, progressos denunciadores duma capacidade particular, explicável, sem dúvida, pela energia e pela inteligência dos colonos portugueses e, também, pelo esfôrço e acção valorosa dos comerciantes e homens de negócios que, sem hesitar, contribuíram com o seu capital e com a sua iniciativa para assegurar à produção ultramarina, uma saída satisfatória.

***

Não se faz, realmente, em Portugal, uma clara idea do que representa, em riqueza e fôrça, o Império Colonial. Não existe, ainda, com efeito, o sentimento nítido de que o Império português bem organizado poderá viver por si mesmo, bastando-se econòmicamente sem depender jàmais de quem quer que seja.

Muita gente, porém, não ignora que, se na hora que passa ainda se compram no estrangeiro muitos produtos manufacturados e muitas das matérias primas consumidas (algodão, borracha, trigo, copra, cobre, petrólio gado, seda, etc., etc.), é porque as colónias ainda se não encontram inteiramente aparelhadas para se poder tirar delas todo o partido possível.

Isto deve ser motivo suficiente para que o capital português se decida a tomar o rumo das colónias porque, beneficiando-as a elas, se valorizará a êle próprio.

A resolução do problema dos financiamentos coloniais tornou-se uma emergência de primeiro plano, cuja importância o país começa a compreender e a desejar.

Êste desideratum pretende alcançá-lo a Exposição do Pôrto, e estamos convencidos de que a atmosfera de confiança que ela vai ter, propiciará tal facto.

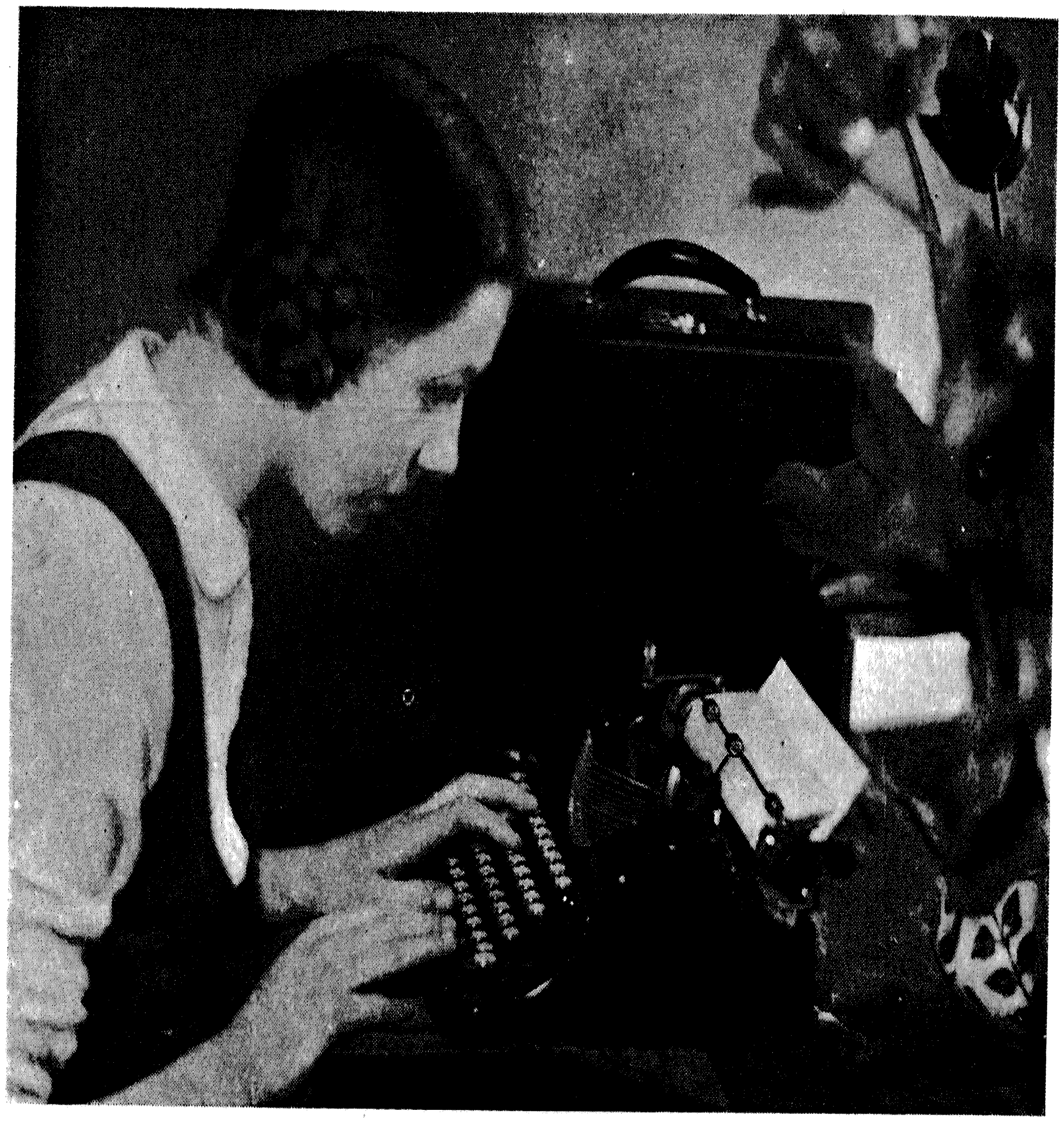
A todo o português de instrução média é lícito desejar a consciência e a noção nítida do que acabamos de afirmar, para que possa fazer uma idea clara das responsabilidades que lhe cabem e da atitude que deve tomar a-fim-de tornar possível a valorização integral do Império.

Semelhante valorização consistirá apenas numa utensilhagem melhor para as colónias e num equipamento que não seja nacional, mas colonial.

Estamos absolutamente convencidos de que a Exposição pelo seu ambiente sugestivo — o certame terá lugar no Palácio de Cristal e nos seus magníficos jardins — pela sua documentação rigorosa, pela sua direcção inteligente, operará o milagre e que todos virão de lá persuadidos da aptidão colonizadora portuguesa, e de que o Império, composto de tão variadas mas de tão indissolúveis fracções, resulta num todo admirável e completo, capaz de viver por si mesmo, não existindo, portanto, crise económica que lhe não seja fácil vencer.

COURAÇA apresenta
A SUA SERIE DE PERFUMARIA FINA
BELKISS

PERFUME / LOÇÃO / SABONETE / PÓ D'ARROZ / ROUGE
M. B. B. TEIXEIRA LDA.
RUA DE SANT'ANA Á LAPA, 44 - LISBOA



As cartas particulares escritas à máquina são consideradas de bom tom, tornando-as de fácil leitura

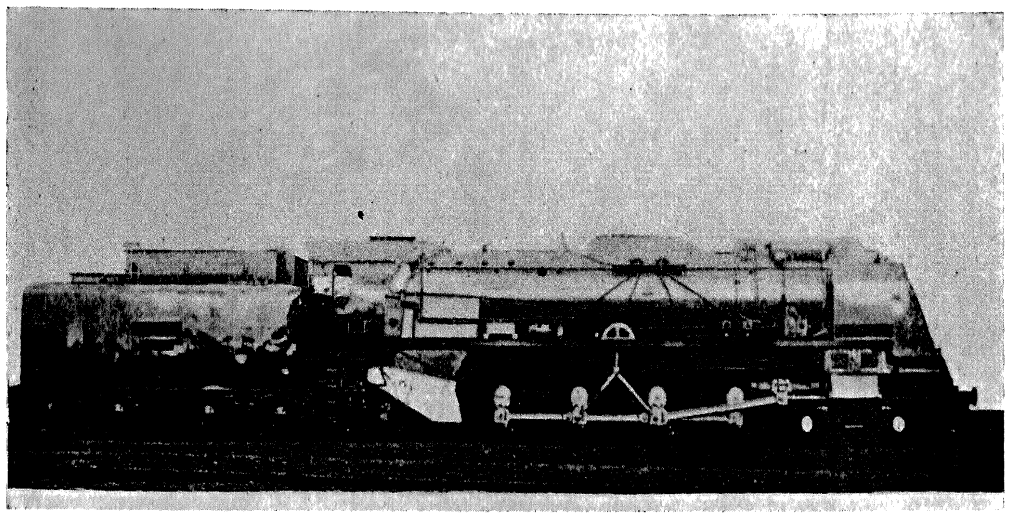
A MÁQUINA DE ESCREVER QUE ACABARÁ POR COMPRAR É A

UNDERWOOD

AGENTES

EM LISBOA
DUNKEL & ANTUNES, LDA.
RUA AUGUSTA, 56
TELEFONE 2 4251

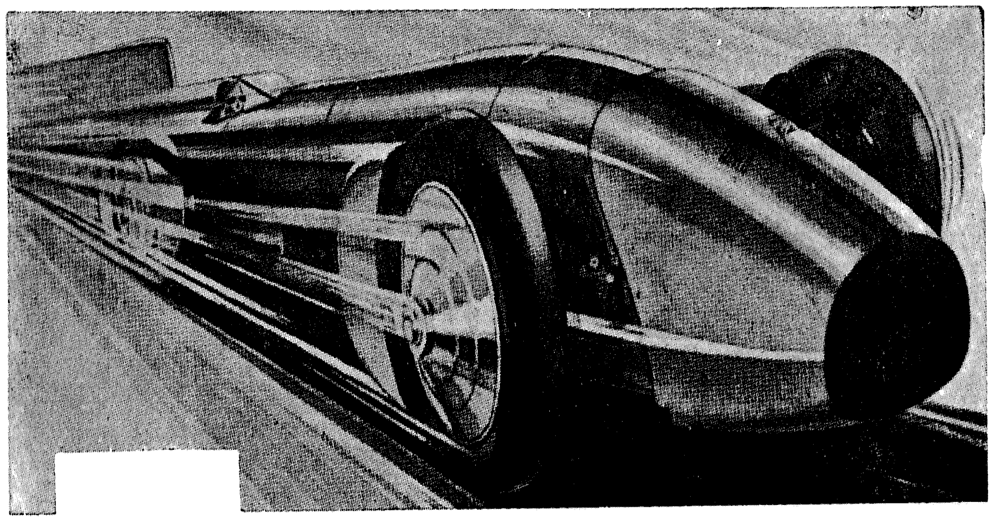
NO PORTO
CARLOS DUNKEL
RUA DO BOMJARDIM, 81
TELEFONE 1013



A LOCOMOTIVA MAIS RÁPIDA DOS C.^{os} DE FERRO DO ESTADO FRANCÊS
«LA MOUNTAIN» 130 QUILÓMETROS À HORA

Usa Wakefield S. H. S. Cylinder Oil

WAKEFIELD Castrol MOTOR OIL



O AUTOMÓVEL MAIS RÁPIDO DO MUNDO
O «BLUE-BIRD» DE SIR MALCOLN CAMPBELL 438 QUILÓMETROS À HORA

USA CASTROL R

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL

Sociedade de Lubrificantes Inglezes Limitada

RUA DA MADALENA, 53-1° ∴ TELEFONE 22375 ∴ LISBOA

SENA SUGAR ESTATES, L.TD

REFINARIA COLONIAL

AVENIDA DA INDIA — LISBOA

FÁBRICAS NA ZAMBÉZIA — PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

AÇUCARES DE CANA
FABRICADOS E REFINADOS PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS

OS
AÇUCARES DA MARCA
HORNUNG
SÃO OS DE MAIOR REPUTAÇÃO

SE V. EX.ª TEM A PELE NORMAL USE OS PRODUCTOS

RAINHA DA HUNGRIA

SE ELA É OLEOSA USE **OLY**

SE TEM OS POROS DILATADOS USE **ROSIPOR**

E FICARÁ MARAVILHOSAMENTE

B E L A

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
M.ME CAMPOS, LDA. AVENIDA DA LIBERDADE, 35

Perutz

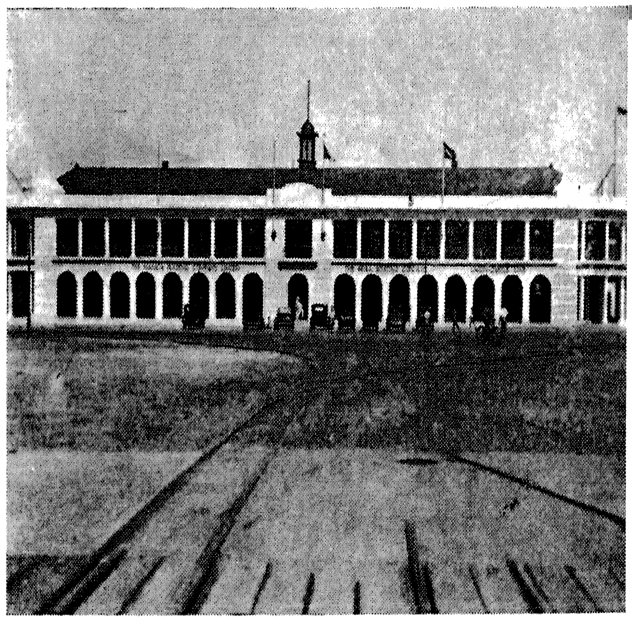
Películas, chapas e bobines para a Leica e Contax. Emulsões rápidas, pancromáticas e ortocromáticas. Sem grão e sem filtro. Leica, Contax e todos os acessórios. abalhos de amadores Remetem-se catálogos.

ROIZ, LDA.
82, R. NOVA DO ALMADA, 84
TELEFONE 2 4670 - LISBOA

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA

ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA :: CAPITAL BEIRA



BEIRA

Casa Infante de Sagres,
séde de
Companhias de Navegação

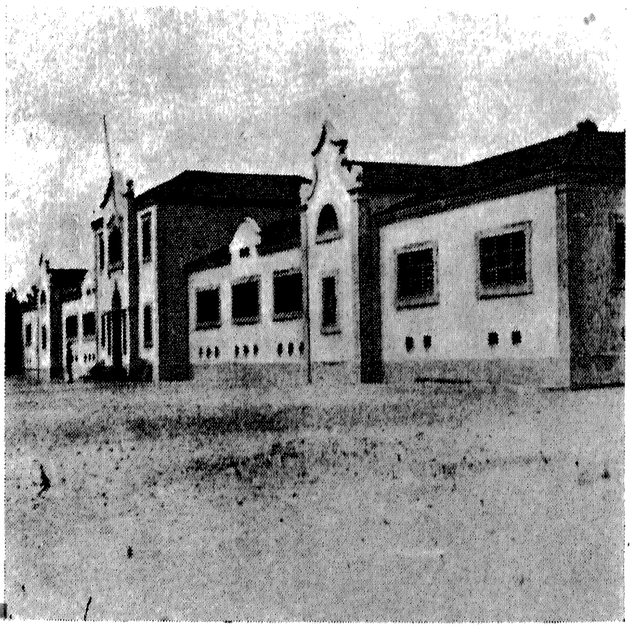
PARA INFORMAÇÕES:

EM LISBOA
Largo da Biblioteca Pública, 11
(Séde da Companhia)

NA BEIRA
Secretaria Geral do Govêrno
do Território

BEIRA

QUARTEL
DA
POLÍCIA



É como a lâmpada de má qualidade que todos os dias gasta, sem proveito para ninguém, a electricidade cuja conta no fim do mês tem de ser paga

A torneira que goteja desperdiçando o precioso líquido

PARA QUE MALBARATAR DINHEIRO?

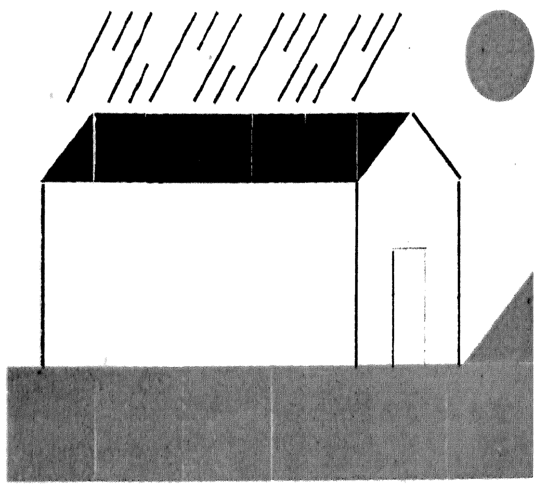
Adquira sempre as económicas lâmpadas

PHILIPS

Que com o consumo certo lhes fornece o máximo rendimento luminoso.

DIZIA HÁ DIAS

UM DOS NOSSOS MAIS ILUSTRES ENGENHEIROS QUE VIVEU MUITOS ANOS NAS COLÓNIAS:



«Só quem como eu viveu em Angola em casas construídas com fibro-cimento é que sabe apreciar as vantagens dêste material que nos preserva do calôr e do frio»

Fibro-Cimento «LUSALITE»

é um material **leve, resistente, incombustível.** // Preserva do calôr no verão, do frio no inverno. // Resiste à humidade e aos insectos.

A sua duração **é ilimitada.**

Para o Continente e para as Colónias deve ser preferido em tôdas as construcções, quer para telhados em chapas onduladas, quer para tectos e revestimentos interiores em chapas lisas.

Chapas lisas desde 8$00 o metro^2

Chapas onduladas desde 15$00 cada

Tubagem em Fibro-Cimento

desde 50 a 400 m/m de diametro interior. Resistência de 6, 12 e 25 kg por cm^2 de prova

---

DEPOSITÁRIOS GERAIS

Corporação Mercantil Portuguesa, Lda.

Rua do Alecrim, 10 / Teleg. Fibrocimento Lisboa / Telef. 23948-28941

NO PORTO

Abecassis (Irmãos) Buzaglos & C.ª - Rua 31 de Janeiro, 15

J. Bielman, Sucrs. - Galeria de Paris, 42

José Pinto de Magalhães & C.ª - Rua do Almada, 29